

FOLHA DE ROSTO

AGRADECIMENTOS

RESUMO

ABSTRACT

SUMÁRIO

CONTINUAÇÃO DO SUMÁRIO

I - INTRODUÇÃO

1. - INTRODUÇÃO

1.1 - APRESENTAÇÃO DO TEMA

Este nosso estudo remete-nos para o aprofundar dos nossos conhecimentos e faz-nos debruçar sobre o valor das Histórias infantis, na formação da personalidade das crianças.

É de salientar que, desde os tempos mais antigos, o homem sentiu a necessidade de contar as suas histórias, as suas aventuras e desventuras. E fê-lo à sua maneira, dando-lhes ênfase conforme a sua imaginação, apresentando histórias sobre o desconhecido: dragões, bruxas, fadas, que explicavam o que a própria razão desconhecia. Era um mundo de magia, de deleite, de incógnitas para desvendar, despertando as mentes mais profícuas, levando-as à criação de narrações maravilhosas, cheias de criatividade e beleza.

Assim, a Literatura Infantil, considerada adequada e escrita especialmente para crianças ainda pequenas, não deixa de ser passível de interessante diálogo com outras vozes gerando efeitos significativos e enriquecedores, que nos permitem concretizar múltiplas vias de acesso à fruição do imaginário infantil. A interacção precoce com textos literários de qualidade é estrategicamente reconhecida como profícuas para as crianças. De facto, através dela, a criança tem a possibilidade de aceder a um conhecimento singular do mundo, alargando os seus horizontes numa pluralidade de perspectivas (cognitiva, cultural e linguística). (Azevedo, 2006:11)

A sua origem confunde-se com a própria origem da literatura. Contudo, o aparecimento da categoria específica da Literatura Infantil teve características próprias, decorrentes da ascensão da família burguesa, do novo “status” concedido à infância na sociedade e da reorganização da escola. Devendo-se a sua emergência, antes de tudo, à sua associação com a pedagogia, já que as histórias eram concebidas para se converterem em instrumentos dela.

Hoje em dia são frequentes as publicações de “histórias” com títulos apelativos à comercialização. Embora, por vezes, a forma de abordagem dos conceitos que se pretendem transmitir não seja a mais fiável nem com o mais elevado valor literário. Por tal motivo,

propomo-nos direccionar o nosso estudo para além de alguns Contos e Fábulas tradicionais, dos mais conceituados autores como Perrault e La Fontaine: queremos também alargar o nosso estudo a uma outra vertente mais contemporânea, mas não de menor importância. Entre muitas, escolhemos para alvo do nosso estudo algumas obras seleccionadas pelo Plano Nacional de Leitura. Será desenvolvida uma componente icónica, fornecendo à criança um conjunto de pistas, que em larga medida a irão ajudar a organizar a informação e a fertilizar o imaginário, permitindo-lhe conhecer determinadas representações culturalmente codificadas, como aquilo que são, por exemplo, os Duendes, a Bruxa ou o Dragão e os Ogres. (Azevedo, 2006:13) É uma vertente mais actual da literatura para a infância, onde não parecem existir aquilo que poderia ser denominado como temas tabu, não deixando por isso, de criar e de fomentar determinados modelos de configuração ética para os seus ouvintes menos experientes. (R.Léon, 2004:18).

Enfatizaremos também a interiorização ou a mera aceitação das histórias, nas duas fases da Literatura Infantil, quer da mais clássica, quer da mais contemporânea.

Será elaborada uma grelha comparativa dos gostos e aceitação por parte das crianças. Depois de estudada e analisada, servirá para daqui tirarmos as nossas ilações que nos levarão de encontro a algumas respostas para as questões que formulámos:

- Que efeito formativo têm as Histórias de que as crianças mais gostam?
- Qual das duas vertentes é a preferida pelas crianças da nossa amostra?

1.2- OPÇÕES METODOLÓGICAS

Neste estudo, em termos metodológicos, é nossa pretensão fazer uma pequena abordagem à História da Literatura Infantil. Tentar identificar algumas características que nos levem a concluir que a mesma desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da linguagem e na estruturação da personalidade das crianças desde tenra idade. A criança a partir do momento em que ouve e compreende uma história vai construindo o seu mundo

imaginário, começando a vivenciá-lo, apercebendo-se aos poucos da realidade. Vai saindo do mundo do faz-de-conta, para cumprir regras e aprender a ser cidadão, a crescer, não deixando, por isso, de brincar.

As Histórias e os Contos ensinam a criança a suportar os problemas de crescimento, a ultrapassar dependências, medos e a aceitar-se tal como é, promovendo a sua auto-estima, criando assim, por seu intermédio, maturidade e prazer.

Contar e Ler histórias para crianças é uma forma de desenvolver o gosto pela fantasia, incentivando nelas a sua criatividade e o seu gosto literário.

Foi com este intuito que pensamos levar a cabo este nosso trabalho, incentivando a criança à descoberta, pensando e tentando identificar qual das duas vertentes, a tradicional ou a mais actual, é mais profícua, mais assimilada, mais tolerada. Qual delas tem maior poder de persuasão na captação da sua atenção.

Pensamos contar-lhes duas histórias por dia, uma no período da manhã e outra no período da tarde. As obras escolhidas serão trabalhadas em paralelo e de igual forma nas mesmas Áreas Curriculares, sendo as actividades programadas de forma similar e com abrangência a todas as Áreas delineadas para a Educação Pré-Escolar, numa perspectiva transversal e multidisciplinar. Tudo isto se fará criando um clima favorável ao crescimento da criança de uma forma lúdica e harmoniosa, encarando as diferentes áreas do conhecimento, de forma natural e apetecível.

Em conformidade com o parecer de Solé (1992), antes de se proceder à Leitura da História é importante fazer a explicação do vocabulário desconhecido, servindo este procedimento não só para incrementar o vocabulário nas crianças, como para conduzir a uma melhor compreensão e fruição da história. O mesmo advoga ainda a vantagem de serem feitas pausas na leitura em momentos chave, a fim de levar as crianças a preverem o que virá a seguir. Depois da leitura, considera pertinente regressar ao vocabulário bem como às ilustrações e discussão da história, de modo a permitir que cada criança possa aprender e reter a mensagem nela contida.

Outros autores, como Neuman & Bredekamp (29-30), defendem que as crianças pré-leitoras devem recontar as histórias pelas suas próprias palavras. Esta actividade, segundo

dizem os mesmos autores, ajuda-as a reunir os diferentes fragmentos do conto, levando-as à sua posterior ordenação. Permite ainda que as crianças construam o conceito de “História”, através de uma sequência organizada, num contexto espaço-temporal que inclui problemas, personagens, eventos e resoluções. Acrescentando ainda que o reconto se torna numa actividade metacognitiva, permitindo verificar se as crianças retiveram o que ouviram, uma vez que têm de analisar e recontar o que aprenderam.

Advogam ainda que as dramatizações criativas do texto ajudam a criança a criar uma representação personalizada e essencial da mensagem.

As actuais Orientações Curriculares para o Ensino Pré-Escolar, publicadas em 1997, têm por base estudos recentes que apontam, todos, para a necessidade de partilha de estratégias de leitura com as crianças leitoras, levando-as a prever os conteúdos a partir do título ou da sequência de eventos já lidos, assim como a identificar as personagens, as suas actividades e a moral da História.

Perante o exposto, pretende-se que as crianças sejam capazes de reconstruir a história, a partir do que retiveram, e fazer o seu “reconto”.

Feito este trabalho, de uma forma gradual e persistente, a criança vai crescendo, pois hoje sabemos que o Conto é um excelente meio para promover o desenvolvimento emocional da criança, ao permitir que a própria fantasia se aproprie dela, o que será apenas benéfico, uma vez que não fica aí prisioneira. Quando a história termina, o herói volta à realidade, uma realidade feliz desprovida de magia.

A carga simbólica das personagens ajuda-as a encarar as diferentes realidades, a superar os seus medos, bem como os sentimentos, sejam eles positivos ou negativos, mas que não sabem expressar.

São as figuras simbólicas do Bem e do Mal (Bruxas, Fadas, Gigantes, Ogres ...) que levam a criança a olhar para as emoções que por vezes sente de uma forma mais natural e não de uma maneira tão recriminatória.

Bettelheim (1978) refere que, no decorrer deste processo, a criança vai superando progressivamente o “*Caos incontrolável*” em que se encontra submersa, ao mesmo tempo que

vai obtendo respostas para os inúmeros porquês. Resultando daí um crescimento psicológico, que se traduz na consolidação do seu próprio eu, da sua personalidade.

1.3 - PERTINÊNCIA DO ESTUDO

A pertinência do estudo centra-se basicamente no aspecto contrastivo da aceitação das obras escolhidas, referentes a dois períodos distintos: um período Clássico e um outro mais Contemporâneo.

Quer o tema, quer a metodologia de estudo utilizados, parecem-nos originais, uma vez que na nossa investigação não encontramos nenhum estudo semelhante, em que fosse feita a análise do contraste literário de obras pertencentes a duas épocas tão distintas.

Efectivamente, atendendo à existência de uma grande panóplia de obras existentes nas duas épocas, a nossa maior preocupação será fazer uma selecção dessas obras, com o intuito de fazer crescer as crianças de uma forma harmoniosa e equilibrada, criando para tal um ambiente favorável e mágico. Não descurando a transmissão e educação para os valores, propondo e sugerindo actividades que orientem e melhorem, quer a prática pedagógica dos educadores, quer o despertar nas crianças dos valores que essas obras possam transmitir. É também nossa pretensão incentivar a criança não só para o gosto pela leitura, mas também para o respeito pela Natureza.

Tendo em conta o tema do Projecto Educativo do Agrupamento, “Sê Feliz...no Planeta Azul”, fizemos aqui uma fusão com o nosso estudo. Na escolha, quer dos Contos de Perrault, quer da Fábula de La Fontaine, não tivemos tarefa fácil, mas optámos pelas seguintes: “A Gata Borralheira”, “O Gato das Botas” e a “Raposa e a Cegonha”, em virtude de, em todas elas, ser focado o reino animal e/ou o mundo mágico das Fadas, Ogres, Reis, princesas e príncipes. Pensámos ainda nas mensagens que nos poderiam transmitir uma vez ser nossa intenção incentivar e transmitir às nossas crianças o gosto pela natureza, pela leitura, pela magia e acima de tudo o respeito pelos outros. Consequentemente proporcionaram-nos uma abordagem

multifacetada, visto termos conseguido, com isto, uma simbiose perfeita entre o real e o imaginário, relativamente aos animais e a toda a sua envolvência.

Com a selecção das obras do Plano Nacional de Leitura, pretendemos conjugar e dar cumprimento ao Projecto Educativo do Agrupamento, não descurando a Educação para os valores, assim como o enfoque dessas obras, o Reino Animal e toda a magia que a Natureza envolve.

Aqui as obras trabalhadas foram: “O Dia em que a Mata Arde”, “O Dia em que o Mar Desapareceu”, do autor José Fanha, e “O Menino Gordo”, de José Viale. Esta última foi seleccionada pela diferença, uma vez que trata o tema da Obesidade, tão presente e frequente nos dias de hoje e nas nossas crianças do Pré-Escolar. Este assunto foi tratado em simultâneo com a Fábula, que também se ocupa do tema da alimentação.

Com todas as obras, trabalhámos simultaneamente as chamadas “Áreas de Conteúdo”, referidas para a Educação Pré-Escolar e que se subdividem em três, sendo elas:

- Área de Formação Pessoal e Social;
- Área de Expressão e Comunicação, que compreende: O Domínio das Expressões (a Expressão Plástica, a Expressão Motora, a Expressão Dramática, a Expressão Musical); o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (Linguagem Oral, Linguagem Escrita, Novas Tecnologias) e o Domínio da Matemática;
- Área do Conhecimento do Mundo.

Embora estas áreas sejam abrangentes a todos os níveis, aqui a nossa maior preocupação foi o desenvolvimento e exploração do código oral, por ser este o ponto mais fraco do grupo que compõe a nossa amostra visto ser composto por crianças ainda muito novas, cuja maioria tem entre três e quatro anos.

Pretendemos levar a criança a descobrir o seu lado criativo, imaginário e alargar a sua área vocabular.

Acreditamos, assim, que esta nossa dissertação poderá ser bastante profícua e enriquecedora a nível pessoal e profissional e poderá também constituir um valioso contributo para a legitimação da Literatura Infantil, no Jardim-de-Infância.

1- LITERATURA INFANTIL

A Literatura Infantil desde a sua origem foi utilizada como recurso promotor de educação, ao mesmo tempo que serve para resgatar valores e fixar os costumes da sociedade em cada época. Ainda hoje surge a dúvida se a literatura infantil deve ser um instrumento de educação ou de divertimento.

Durante o século XVII, este segmento da literatura constitui-se como género, uma vez que ocorreram algumas mudanças na estrutura da sociedade, desencadeando repercussões no âmbito social e artístico. O aparecimento da Literatura Infantil tem características que lhe são próprias, pois decorre da ascensão da família burguesa em contrapartida do enfraquecimento das grandes propriedades e da aristocracia fundiária, do novo “status” concedido à infância na sociedade e da reorganização da escola, tornando-se a partir desta altura obrigatória e aberta a todas as classes sociais.

Antes de tudo, a sua emergência deveu-se à sua associação com a Pedagogia, uma vez que as histórias, nesta altura, eram concebidas para se converterem em instrumentos pedagógicos e também como divulgadoras dos valores morais vigentes, na época, na sociedade.

Assim, desde a sua origem, a literatura infantil é perseguida por uma intencionalidade que se vai modificando de acordo com a época e os valores da sociedade vigente.

Ainda nos dias de hoje, conforme nos reitera Coelho (2000: 159), encontramos livros destinados às crianças que pretendem transmitir alguns valores, dizendo-lhes o que é certo ou errado: são estas as obras classificadas, actualmente, como pedagógicas. Nesse sentido, a Literatura Infantil e, principalmente, os contos de fadas passaram a ter influência na formação da criança. O maniqueísmo que divide as personagens em más ou boas, feias ou belas, fracas ou poderosas, tende a facilitar à criança a compreensão de certos valores básicos de conduta humana ou do convívio social.

Da mesma forma que a concepção de infância se tem modificado ao longo dos tempos, também o conceito de Literatura Infantil sofreu algumas alterações.

Na concepção que Nelly Novaes Coelho nos apresenta, hoje, na sua obra *Literatura Infantil: teoria, análise, didáctica (1997)*, enfatiza a literatura infantil como sendo arte, antes de tudo. A autora afirma que se trata de um fenómeno de criatividade que representa o homem, a vida e o mundo, através da palavra, misturando os sonhos com a vida prática; o real e o imaginário; os ideais e a sua realização. Faz-nos ainda perceber que, sendo destinada à infância em fase de desenvolvimento, essa modalidade artística deve dar primazia à criação de livros que despertem a criatividade, a imaginação e a emancipação infantil, em vez de obras que se preocupem apenas com a transmissão de algum ensinamento ou mesmo conteúdo didáctico.

Pinto (1999) refere:

A Literatura Infantil tem um grande significado no desenvolvimento de crianças de diversas idades, onde se reflectem situações emocionais, fantasias, curiosidades e enriquecimento do desenvolvimento perceptivo. Para ele, a leitura de histórias influi em todos os aspectos da educação da criança: na afectividade: desperta a sensibilidade e o amor à leitura; na compreensão: desenvolve o automatismo da leitura rápida e a compreensão do texto; na inteligência: desenvolve a aprendizagem de termos e conceitos e a aprendizagem intelectual. (apud RUFINO e GOMES, 1999: 11).

Coelho explica que a Literatura Infantil tem vindo a ser criada tendo em atenção o público-alvo a que se destina e consciente de que a imaginação é uma das mais profícuas fontes para a formação das crianças, Sendo através do imaginário que o “eu” pode conquistar o verdadeiro conhecimento de si mesmo e do mundo em que vive (Coelho, 2000:141)

A mesma autora refere ainda que o verdadeiro conhecimento do “eu” se dá por meio do reconhecimento interactivo do “eu” com o “outro”.

(...) Descobre-se agora que o verdadeiro conhecimento do eu não se dá por um “mergulho no inconsciente” (por meio de um processo interior, subjectivo, solitário), mas sim por meio do reconhecimento do eu em interacção com o outro (por meio de experiências vitais e solitárias que mesclam reacções interiores do ser e dados exteriores a ele). (Coelho, 2000: 156).

A Literatura Infantil, apesar de ser usada como recurso promotor de educação e ao mesmo tempo servindo para resgatar valores mediante a diversidade encontrada no tipo de narrativa maravilhosa, garante também o desenvolvimento da identidade da criança, visto

que é através destas narrativas que lhes são abertas as possibilidades para o treino e experimentação dos seus papéis na sociedade.

O imaginário é um bem precioso utilizado no desenvolvimento psicológico da criança, ou seja, quando utilizadas narrativas conotadas com o maravilhoso, estas poderão ajudar a superar as dificuldades e as diferenças sentidas pela criança, em relação ao mundo que a rodeia. Cabe ao educador, por meio da sua escolha das literaturas maravilhosas, fazer a junção da acção de educar com a acção relacionada com os valores. Assim, o educador procura, através da literatura infantil, informar, ordenar, condicionar e formar o comportamento da criança, resgatando valores e tornando-a um ser mais feliz.

A origem destas narrativas deve-se à intrínseca necessidade do Homem de contar histórias, desde que sentiu que era imprescindível transmitir aos outros os seus sentimentos e as suas experiências de vida.

Coelho (1982: 09) refere que os “Contos Maravilhosos” e os “Contos de Fadas” são aquelas narrativas que mais ensinamentos trazem para o universo infantil.

As histórias eram um instrumento pedagógico. E só a partir deste momento a criança deixa de ser considerada como um adulto em miniatura e sim como um ser diferente do adulto, com necessidades próprias, recebendo por isso, uma educação específica para a sua preparação para a vida adulta.

Segundo Nelly Novaes Coelho nos afirma:

O caminho para a redescoberta da Literatura Infantil em nosso século, foi aberto pela Psicologia Experimental, que, revelando a inteligência como o elemento estruturador do universo, que cada indivíduo constrói dentro de si, chama a atenção para os diferentes estágios do seu desenvolvimento (da infância e da adolescência) e sua importância fundamental para a evolução e formação da personalidade do futuro adulto. Revelou, ainda que, cada estágio corresponde a uma certa fase da idade. A sucessão das fases evolutivas da inteligência (ou estruturas mentais) é constante e igual para todos. A “idade” correspondente a cada uma delas pode mudar, dependendo da criança ou do meio em que vive (Coelho, 1991: 26).

1.1 - CONCEITO DE LITERATURA INFANTIL

O conceito de Literatura Infantil é bastante discutido entre os estudiosos deste domínio. Há os que defendem que é o objecto escolhido pelo seu próprio leitor, outros dizem que é o objecto de formação de um agente transformador da sociedade e, por fim, há aqueles que questionam o facto de existir uma literatura Infantil e / ou de esta ser entendida como menor. Sendo este um assunto delicado, faremos a comparação de diversos pareceres, a fim de melhor alcançarmos a problemática em causa, para, a partir daí, sermos capazes de formular o nosso próprio conceito.

O conceito “Literatura” não é de aceitação pacífica, quando se faz a abordagem a obras destinadas à infância, quer se defina literatura como um “*corpus*” dinâmico de textos que provocam a mediação dos mecanismos de leitura produtiva/reflexiva, quer se lhe atribua a definição de “*corpus*” estático de obras de um país ou de uma época.

No entanto, certo é que a Literatura Infantil existe enquanto tal, mais ou menos assumidamente, desde há vários séculos, abrangendo diversificadas narrativas, mitos e poesias, cujo destinatário privilegiado passou claramente a ser a própria criança.

Aguiar e Silva (1981: 14) refere que, com efeito, a Literatura Infantil, quer oral, quer escrita, tem desempenhado uma função de grande relevo, atendendo aos seus destinatários, na modelização do mundo e na construção dos universos simbólicos e na persuasão de sistemas, de crenças e valores, constituindo o livro infantil, segundo o autor, um complexo e subtil “*Laboratório Linguístico*” para as crianças.

O mesmo refere ainda que o conceito de Literatura Infantil oral, sob o ponto de vista comunicacional, constitui uma típica “*arte de memória*”, sendo os contos transmitidos de geração em geração como um acervo de experiência humana e de sabedoria intemporais, como expressão da “*memória*” dum povo e duma cultura. Essa transmissão mantém a forma e a temática, permanecendo estes textos na memória de quem os transmite e na memória pronta e tenaz das crianças. De tal forma que:

São a memória destes textos que muito frequentemente exercitam, através de adequados mecanismos lúdico-formais. Aprender um Conto, contar um Conto, ou saber um Conto, são por excelência actividades memoriais. (Silva, 1981:11)

Meireles refere-nos também que, segundo alguns autores, é frequente classificar de Literatura Infantil apenas aquilo que se escreve para crianças:

São as crianças, na verdade, que o delimitam, com a sua preferência. Costuma-se classificar como Literatura Infantil o que para elas se escreve. Seria mais acertado, talvez, assim classificar o que elas lêem com utilidade e prazer.

Não haveria, pois, uma Literatura Infantil a priori mas a posteriori. Mais do que Literatura Infantil existem livros para crianças. (Meireles, 1951:s.p)

Ainda segundo Veloso (1994: 48), até à década de 70 do século passado, esta literatura foi frequentemente enfeitada, vista como um subproduto literário menor, estando o problema no enfoque dado à ideia de Infância. Todavia, este autor considera que a própria noção, inerente à Literatura Infantil, de que ela se destina a crianças, a particulariza indubitavelmente, tanto no que se refere à sua forma, como no que respeita ao seu conteúdo. Os textos são menos extensos, abundam os diálogos, predomina a jovialidade nos seus protagonistas; compõem-se de certo optimismo implícito, a linguagem está de acordo com a competência linguística da criança a simplicidade diegética, a magia e o fantástico são componentes significativas, assim como o respeito por determinadas convenções, tais como as fórmulas relativas ao tempo (Era uma vez ..., No tempo em que os animais falavam ...) e ao espaço (Num país muito longínquo ...).

Foi a partir da década de 70, segundo Silveira (1997: 149), que a Literatura sofreu uma mudança temática, passando a basear-se em novos dogmas da educação: a valorização da criatividade, da independência e da emoção infantil, o chamado pensamento crítico, dando ênfase à criança activa, participante e não conformista.

Cunha defende que:

(...) Literatura Infantil, são os livros que têm a capacidade de provocar a emoção, o prazer, o entretenimento, a fantasia, a identificação e o interesse da criança. (apud Alves, 2003:11)

Por seu lado, Aguiar e Silva (1982: 14) recorda que se deve tentar encontrar o conceito básico de Literatura *“no receptor de um conjunto de obras que ganham feição especial, quer pela temática, quer pela intenção”*, permitindo isso pensar que uma obra literária, especificamente destinada a crianças, é, efectivamente, possível, se a encararmos como uma derivação singular de determinada *“textura semiótica e do facto de se dirigir a um peculiar sujeito cognoscente”*.

Estas ideias vão de encontro ao que defendem alguns autores, como nos refere Rocha (1984: 59-60), que vêem a Literatura Infantil na qualidade de uma produção de adultos destinada a ser “consumida” por crianças.

A mesma autora argumenta ainda que, a certa altura, foi sentida a tarefa urgente de fornecer e apetrechar a criança com normas para a vida adulta, tendo para isso sido escolhidos poemas e contos promotores de tais atitudes conformes à moral vigente na época.

Essas obras foram destinadas às crianças das classes sociais dominantes, embora os ensinamentos morais fossem abrangentes também às crianças do povo, através dos contos populares e das fábulas de Esopo, Fedro e La Fontaine, constituindo material para as leituras e escolarização em vias de alargamento.

Rocha parafraseia Denise Escarpit dizendo que são estes ensinamentos transmitidos através dos animais, que as fábulas contêm, que fazem destas histórias de bichos livros para crianças. A intenção moralizante veio manifestar-se pelo uso das fábulas e de contos morais ou filosóficos.

Durante algum tempo, as Fábulas vindas da antiguidade, por porem na boca dos animais aquilo que os homens não gostavam de ouvir, foram consideradas leitura obrigatória. Mais tarde caíram em desuso visto não provocarem o efeito desejado, como nos refere Denise Escarpit, citada por Rocha:

O que fazia destas histórias de animais livros para crianças não era certamente o lado educativo moral, mas a evocação de seres imaginários e ilustrações que deles fixava uma imagem no espírito das crianças. (Rocha, 1984:26)

Rocha menciona ainda que os séculos XVII e XVIII foram profícuos na difusão de algumas publicações de autores como Charles Perrault e La Fontaine. Mas só o século XIX é

considerado um período de grande desenvolvimento, levando muitas vezes a afirmar que a literatura para crianças só surge neste momento. Sendo notório que, a partir daqui, os Contos Tradicionais portugueses tomam grande lugar de destaque nas leituras propostas às crianças. (Rocha,1984: 41- 46)

Neste campo, é importante referirmos o trabalho de grande mérito desenvolvido por Ana de Castro Osório, já no século XX; e de Henrique Marques Júnior, entre 1898 e 1919, sendo este o responsável pela tradução e adaptações da colecção «Biblioteca das Crianças», onde estão incluídos treze títulos dos Irmãos Grimm e de Perrault. (Rocha:61) É através desta colecção que são promovidos os contos dos Grimm, de Perrault e da Condessa de Ségur, em versões excelentes.

Raoul Dubois¹ refere que, desde o seu início, «*a literatura para crianças tende a criar modelos*», estando a evidência desta afirmação bem patente nas obras nacionais do fim do século XIX, não se desvanecendo nas do século XX. Citando:

A Evolução pode caracterizar-se como uma luta entre um modelo e o seu adversário, ele também decidido a tornar-se um modelo tão dominante como o predecessor. A luta nunca está terminada e mais do que um traço do modelo atacado reaparece no modelo novo. (Rocha, 1984: 87)

¹ Reconhecido especialista de Literatura Infantil, autor de várias obras sobre a imprensa infanto-juvenil, crítica de livros para crianças e problemas de leitura.

1. 2 - HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL

Vários estudiosos dos fenômenos literários têm partido do pressuposto de que só podemos, realmente, falar em Literatura Infantil a partir do século XVII, aquando da emergência de uma literatura com características próprias, decorrente da ascensão da família burguesa, do novo “status” concedido à infância na sociedade e da reorganização do ensino. A sua emergência deve-se, antes de tudo, à sua associação com a Pedagogia, já que as histórias eram elaboradas para se converterem em instrumentos dela. Segundo essa linha de pensamento, antes disso, não haveria propriamente uma infância no sentido que conhecemos. As crianças eram vistas como adultos em miniatura, participando desde a mais tenra idade na vida adulta, não havendo livros, nem histórias dirigidas especificamente a elas, não existindo nada que pudesse ser chamado de Literatura Infantil. De tal forma, as origens da Literatura Infantil estariam nos livros publicados a partir dessa época, preparados especialmente para crianças com intuito pedagógico, utilizados como instrumento de apoio ao ensino. Como consequência natural deste processo, o didactismo e o conservadorismo (a escola costuma ser instrumento de transmissão dos valores vigentes) deveriam ser considerados componentes estruturais da chamada literatura para crianças.

É a partir do século XVIII que a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta, permitindo-lhe a oportunidade de ampliar, transformar e enriquecer a sua própria experiência de vida. Nesse sentido, a literatura teria o privilégio de se apresentar não só como veículo de manifestação cultural mas também de ideologias.

Os primeiros livros direccionados ao público infantil surgiram no século XVIII. Autores como La Fontaine e Charles Perrault escreviam as suas obras, enfocando principalmente os contos de fadas. A partir de então, a Literatura Infantil foi ocupando o seu espaço e apresentando a sua relevância.

Villasante (1977: 64) refere-nos que o mérito foi de Perrault, por ter dado forma literária a narrativas tradicionais que corriam de boca em boca ou que eram transmitidas sob a forma de literatura de cordel.

Perrault serviu de modelo para os contos de fadas, tal como La Fontaine transformou em francesas as fábulas de Esopo e Fedro, fazendo com que toda Europa as conhecesse. Nestas histórias predominava o elemento maravilhoso, onde não faltavam encantamentos e bruxedos, fadas boas e fadas más; ogres sanguinários, que são reminiscências de épocas bárbaras, e mais do que recordações de antigos mitos. Ao escrever os seus contos, Perrault não se preocupou nem pensou em semelhantes coisas, recordou apenas os contos que tinha ouvido à sua mãe e à sua ama e passou-os para o papel com extrema simplicidade, com a intenção, segundo afirmou, de as ler nas tertúlias dos «*Petits Samedis*». Para estes autores, a literatura serviria de meio para educar a criança nos valores morais e religiosos:

A criança que tenha lido os Contos de Perrault, nunca mais poderá esquecer os prodígios extraordinários que se verificam, e ao mesmo tempo a moralidade que encerram. (Villasante, 1977: 65)

Os contos são promotores de exemplos que impressionam a imaginação; a fantasia de invenção une-se à moralidade, como acontece nas fábulas poéticas.

Em 1699, Fénelon escreveu a obra “*Les Aventures de Télémaque*”, que dedicou especialmente a uma criança, o pequeno Duque de Borgonha, de quem era preceptor. Foi este o primeiro livro escrito especificamente para uma criança.

Gomes (1999: 26) reforça que este é um livro de teor pedagógico que utiliza a história e a fábula para ministrar a moral religiosa e o conhecimento do mundo. Até então, a criança era considerada tão-somente como um ser em construção, que valia apenas pelo que viria a ser. Esta ideia foi partilhada por Georges Snyders², citada por Rocha:

A criança é um ser instável, fútil, incapaz de tomar iniciativa, de colocar o destino nas suas mãos. Refugia-se na dissimulação, na astúcia, na mentira. É feliz ao ser protegida. (Rocha, 1984: 46)

² - Georges Snyders, *Il n'est pas facile d'aimer ses enfants*, col. Pédagogie d'aujourd'hui, PUF, Paris, 1980.

Rocha advoga que a primeira tradução que apareceu escrita em português parece ter a sua origem no ano de 1883, numa colecção intitulada Contos de Grimm, fruto da recolha de alguns contos pelos irmãos Grimm e apresentada numa obra de dois volumes sem menção de tradutor, revelando apenas o editor, em Paris. Terá sido a partir daqui que os contos tradicionais portugueses tomaram grande lugar de destaque nas leituras propostas às crianças. Foi também uma referência para a autora e educadora de infância Maria Amália Vaz de Carvalho, que considerou extremamente importante que se desse à criança histórias para rir e para chorar. (Rocha, 1984: 47)

Refere ainda a mesma autora que, apesar de os contos de Perrault e as fábulas de La Fontaine perdurarem na Literatura Infantil, um outro autor, Locke, ao fazer uma reflexão sobre a educação das crianças, referiu que as fadas estão na moda. (Rocha, 1984: 37)

Os folcloristas demonstraram que alguns contos narrados por Perrault já existiam em diversas variantes orais. No século XVIII apareceram, com o interesse didáctico típico do neoclassicismo, numerosas obras dirigidas ao público infantil. O romantismo também exerceu uma importante influência neste tipo de literatura, desenvolvendo uma maior fantasia e um mais complexo didactismo nas obras de Martínez de la Rosa, Hans Christian Andersen e os Irmãos Grimm, entre outros. (Lexicoteca, 1986: 55)

Entre 1898 e 1910, Henrique Marques Junior foi o responsável pela tradução e adaptações na colecção «Biblioteca das crianças», onde são publicados treze títulos que incluem alguns contos dos Irmãos Grimm e de Perrault. (Rocha, 1984: 61) Foi através desta colecção que foram promovidos os contos desses autores e também os da Condessa de Ségur, em versões excelentes.

Ao longo do século XIX, foram sendo publicadas várias recolhas de contos, passando alguns depois a ser vistos como obras expressamente dedicadas à infância, trabalho esse continuado por Ana de Castro Osório, já no século XX.

Rocha menciona que também para Raoul Dubois, desde o seu início, a literatura para crianças tende a criar modelos, estando a evidência desta afirmação bem patente nas obras nacionais do fim do século XIX, não se desvanecendo nas obras do século XX. (Rocha, 1984: 87)

Os anos cinquenta em Portugal deixaram aflorar um entrosar de modelos nos livros para crianças, um desencontro propiciado pela situação interna, pela penetração, cada vez mais profunda, das produções estrangeiras, vitoriosas já nos anos quarenta, pelo rescaldo da II Guerra Mundial e pelas alterações no esquema pedagógico.

Em 1959, também Alves Redol, com o seu livro “A Vida Mágica da Sementinha”, descreve intenções didácticas assumidas: o texto é o resultado de uma história fascinante marcada pelo humor e pela vivacidade, que mais tarde irão reaparecer noutros trabalhos do autor. (Rocha, 1984: 91)

Para vários especialistas, a verdadeira Literatura Infantil só terá ocorrido ao longo da segunda metade do século XIX, quando surgiu uma clara influência da literatura tradicional na produção literária. A criança torna-se, a partir de então, objecto de estudo e de investigação, em vários domínios do conhecimento humano, como a pedagogia, a psicologia, entre outras ciências. Por outro lado, a sua figura acaba de entrar definitivamente na literatura, desempenhando estereótipos indeléveis. A criança passa a assumir uma primazia incontornável, no papel de personagem essencial da Literatura Infantil. Segundo Traça (1992), esta época propiciou uma explosão literária de fixação e valorização das histórias tradicionais ancestrais: só então esses textos aparecem vocacionados para servir os gostos infantis. Em Portugal, reforça a mesma autora, esse tipo de textos, dada a relação privilegiada dos «adultos-autores» com as «crianças-ouvintes», afigura-se “*aos pioneiros da literatura infantil portuguesa como o primeiro, o mais natural dos alimentos espirituais que podiam ministrar-se à infância*”.

Ao longo do séc. XIX foram sendo publicadas várias recolhas de contos passando depois alguns a ser vistos como obras expressamente dedicadas à infância, trabalho esse continuado por vários autores, já no século XX.

As preocupações de carácter ecológico ganham força, expressa por escritos de autores com formação científica. Tendências manifestadas no fim da década anterior acentuam-se com predominante presença do humor, do «nonsense» e do fantástico das máquinas. Isto acontece sobretudo com obras de novos escritores.

Nos nossos dias, o maravilhoso afasta-se também das sendas tradicionais; cada vez se recorre menos a fadas, génios, gnomos e bruxas; mas a fantasia não morre, transforma-se, envolve o real, anima os objectos, avança pelo fantástico, troça do realismo e encontra no «nonsense» a expressão mais espectacular. Deformando a realidade, faz do absurdo raiz da existência. (Rocha, 1984:128)

1. 3 - AS HISTÓRIAS E O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM NAS CRIANÇAS

A concepção de linguagem infantil referida no nosso trabalho é reconhecida como característica essencial da criança enquanto ser social, histórico e cultural.

O Conto e o Reconto de histórias de Literatura Infantil revelam uma actividade interactiva, potencializadora da linguagem da criança como espaço de recuperação do sujeito actor e autor do seu desenvolvimento.

A criança que ouve histórias desde cedo, que tem contacto directo com livros e, ao mesmo tempo, é estimulada, demonstrará um desenvolvimento mais favorável no seu vocabulário. É enquanto interage no mundo dos símbolos e da fantasia que expressa as suas opiniões, verbalizando-as. Esta relação recíproca entre a linguagem e a interacção com as outras crianças constitui um elemento mobilizador, catalisador e construtor da sua linguagem infantil.

Numa concepção mais dialéctica, é concebida a ideia de que o desenvolvimento da criança é um processo que vai sendo construído pela própria criança durante as interacções com os “outros” num universo social. Tomando como ponto de confluência a interacção social e a concepção da linguagem, é lícito afirmar que o desenvolvimento da criança tem a sua relação mútua entre o plano individual e o plano social, ou seja, o desenvolvimento linguístico infantil só pode ser entendido a partir das suas relações com o outro.³

Parafraseando Bakhtin, a produção da linguagem é sempre dialógica, as múltiplas vozes (polifonia) e os múltiplos sentidos (polissemia) encontram-se no discurso de um grupo social, não permitindo uma verdade única no que dizem, mas “verdades” presentes nas diversas interacções sociais, que vão sendo lembradas. Assim que, os sentidos são construídos a partir das múltiplas vozes, presentes na interacção verbal, o que caracteriza uma concepção interaccionista de linguagem.

Os discursos estabelecidos entre as crianças carecem de uma avaliação do adulto, que por sua vez deve estar atento à singularidade de cada criança, considerando os significados dados por cada uma. Isto implica que o adulto permaneça atento e perceba a diversidade de

³ INTERNET, Artigo “Linguagem e Infância: a Literatura Infantil no Processo de Desenvolvimento”: 1 e 2, de Jobim e Sousa (1994: 21).

experiências que cada criança traz do mundo social e cultural a que pertence. Conclui-se daqui que as crianças, enquanto integradas num meio, partilham com os seus pares um processo dinâmico de construção de valores e das suas vivências culturais, explorando para tal uma verdadeira liberdade de expressão, enquanto vivem a sua infância.

B. Coelho (1991) refere que, após contarmos uma história, devemos estimular a criança a recontá-la, dando-lhe o tempo necessário para pensar e permitindo-lhe, se for imprescindível, modificá-la, alterá-la e dar-lhe um outro final. Isto faculta-lhe o desenvolvimento do poder de imaginação e de observação. É importante também criar um ambiente que envolva a fantasia e a realidade, tornando a actividade mais interessante:

[...] o interesse na repetição e na reconstrução de uma narrativa é compatível com o nível de construção da linguagem. Ela permite a passagem das primeiras formas de pensamento às formas que se vão estabelecer no segundo momento quando se completa a aquisição da linguagem. (Silva, 2007 apud Bonnafé, 2001: 116)

A linguagem oral não é a única forma de expressão entre as crianças; no seu universo, percebem-se por gestos, risos, expressões faciais, movimentos corporais, constituindo estas as várias formas de linguagem estabelecidas entre elas.

Durante a actividade de contar e recontar a história, pouco espaço foi dado à escuta da “voz da criança” e à interacção criança/criança. As crianças sempre que interagem revelam as suas emoções, o entusiasmo pela história e a demonstração de afecto entre si.

Amarilha (1997) defende que o processo de contar histórias promove na criança condições para desenvolver a sua competência discursiva, quando lhe é dada a oportunidade de recontar a história, desenhar e identificar os personagens e outras formas de representação. Enquanto se lhes conta a história, a criança vai ficando fascinada, envolta na narrativa, criando com o livro grande intimidade.

Para Abramovich (1993: 23), o ouvir contar histórias pode estimular o desenhar, o pensar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Tudo pode nascer de um texto! Será importante esta perspectiva estar presente na metodologia do professor que utiliza as histórias de Literatura Infantil na sua actividade com as crianças, estimulando-as a imaginar e a envolver-se.

O mesmo autor reforça ainda que o professor, ao contar uma história, deve envolver a criança e fazê-la identificar-se com os personagens; ao interagir com as histórias, as crianças passam a despertar emoções como se estivessem vivendo a narração, os sentimentos apresentados permitem que a criança, através da imaginação, exercite a capacidade de resolução de situações que se lhe deparam no dia-a-dia.

Em suma, a actividade de contar e recontar ajuda a criança a desenvolver e reorganizar os seus esquemas e permite que ela construa os seus sentidos enquanto expõe e desenvolve habilidades significativas para o seu desenvolvimento.

1. 4 - O VALOR DAS HISTÓRIAS NA FORMAÇÃO DAS CRIANÇAS

As histórias de encantar estiveram sempre em destaque na hora de dormir, na maioria das famílias, sendo este considerado um momento de grande intimidade e partilha entre pais e filhos. Recordarmos esses tempos faz-nos lembrar as histórias contadas pelos nossos progenitores, em que reinava a calma, mas por outro lado despertava-se a curiosidade, criando até um ambiente de alguma magia.

Hoje em dia, com a vida agitada, consequência da sociedade em que vivemos, será que ainda persistem esses hábitos, essas tradições de contar histórias aos filhos antes de dormir?

Quer-nos parecer que esses hábitos se foram perdendo nestes últimos tempos. Mas, segundo opinam alguns especialistas, seria de extrema importância que fosse feito o seu resgate com a maior brevidade possível. Porque as histórias infantis não existem por acaso, foram sofrendo transformações ao longo dos tempos, com vista a darem prazer, a entreter, a ensinar e a exemplificar, para além de veicularem modelos, concepções, dilemas éticos e normas de conduta, apontando também para eventuais percursos de vida.

Numa época em que é grande a multiplicidade de livros infantis nas nossas livrarias, é fundamental saber escolher o texto que melhor se adequa a cada criança, tendo sempre presente a sua idade, os seus interesses e a mensagem ou valores que lhe queremos transmitir.

Parafraseando Isabel Leal:

é importante escolher livros que utilizem uma linguagem positiva e que transmitam valores, porque isso é muito importante para a formação humana da criança. Ao escolher uma história, o adulto deve ter a sensibilidade para perceber se há ou não uma mensagem implícita, com conteúdos, valores e parâmetros indicados para crianças, que absorvem tudo aquilo que ouvem.⁴

Isabel Leal defende ainda que os pais devem começar a conversar com os filhos, a contar-lhes ou a ler-lhes histórias, ainda durante o período de gestação, optando nomeadamente pelas tradicionais histórias de encantar, dado o seu carácter construtivo e

⁴ www.criançasdeumnovomundo.com

transmissor de valores e de exemplos de vida. Mas como a vida não é sempre um conto de fadas, é igualmente importante transmitir desde cedo essa realidade às crianças.

As personagens dos contos de fadas não são ambivalentes, ou são boas ou são más, ou feias ou belas, trabalhadoras ou preguiçosas, nunca as duas coisas em simultâneo, como somos nós na realidade. Estas separações têm que existir até que se tenha estabelecido uma personalidade relativamente firme com base em identificações positivas (Bettelheim, 1994: 17). Só a partir daqui é que a criança estará apta a compreender que existem diferenças entre as pessoas e que ela própria tem de fazer uma opção sobre aquilo que quer ser. O conto de fadas tem um papel facilitador nesta decisão básica, que irá erigir todo e qualquer desenvolvimento posterior da personalidade.

É importante que as crianças tenham a noção de que existem dois lados na vida, o bom e o mau. Por isso, não lhes devemos fazer acreditar que tudo é um conto de fadas, mas fazer-lhes entender a realidade da vida.

É importante que o conteúdo das histórias tenha sempre presente o factor realidade, cabendo-nos, a nós adultos, adaptá-lo à compreensão das crianças. Existem para isso processos melhores e piores de explicar e transmitir as coisas, mais ou menos difíceis, salienta Isabel Leal⁵. Esta ideia é partilhada por Mário Cordeiro⁶, que acrescenta que as histórias não devem ser necessariamente “melosas”⁷.

Basta debruçarmo-nos sobre as versões originais dos contos de fadas, para vermos que os príncipes e as princesas, e outros personagens, têm de sair do seu meio familiar para enfrentarem os monstros, as bruxas, os ogres, os lobos maus.

São histórias que lhes indicam o que é o percurso de vida, transmitindo a necessidade de conhecer e reconhecer e enfrentar o mal e cultivar o bem, para serem felizes para sempre.

Tão importante como escolher a história, é saber contá-la de forma adequada para conseguir captar a atenção da criança, para que esta retenha a mensagem da melhor forma.

⁵ Isabel Leal, psicóloga clínica

⁶ Mário Cordeiro, médico pediatra.

⁷ www.dicadasemana.com

Para que uma história possa prender verdadeiramente a atenção de uma criança, é preciso que ela a distraia, tenha a capacidade de provocar emoções e desperte a sua curiosidade. Mas, para enriquecer a sua vida ela tem de estimular a sua imaginação; tem de ajudá-la a desenvolver o seu intelecto e esclarecer as suas emoções; tem de estar sintonizada com as suas angústias e as suas aspirações; tem de reconhecer plenamente as suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Em suma, precisa de estar simultaneamente relacionada com todos os aspectos da sua personalidade e isto sem a amesquinhar, mas pelo contrário, dando todo o crédito à seriedade das suas exigências e dando-lhe conjuntamente confiança em si própria e no futuro. E é nestes aspectos, que o popular conto de fadas, se torna mais enriquecedor e satisfatório, quer para os adultos, quer para as crianças. (Bettelheim: p 11). São eles que nos podem dar a conhecer as soluções mais acertadas para a resolução dos problemas interiores dos seres humanos. Sendo neste género de literatura que a criança encontra um sentido, para pôr em ordem a sua vida.

Citando o poeta alemão Schiller, referido por Bettelheim (1994: 12-13):

Existe um sentido mais profundo nos contos de fadas que me foram contados em criança do que na verdade que a vida ensina (The Piccolomini, III, 4).

Segundo refere o mesmo autor, as crianças acham que os contos de fadas são mais convenientes do que todas as outras histórias infantis.

Os contos de fadas oferecem um grande potencial de novas dimensões à imaginação da criança, sendo de outro modo, ou sozinha, incapaz de chegar lá.

Bettelheim menciona que os contos de fadas são um contributo essencial para a resolução dos problemas existenciais na criança, ao contrário dos contos modernos, que evitam sobretudo esse tipo de problemas existenciais, ainda que estes sejam questões cruciais para todos nós.

A criança necessita especialmente de sugestões, embora de forma simbólica, para superar os obstáculos que lhe vão surgindo ao longo da vida, para chegar a uma maturidade sã.

As histórias mais modernas evitam, ou não mencionam mesmo, o tema da morte ou da velhice, ou o desejo de uma vida eterna, ao contrário dos contos de fadas, que utilizam sem subterfúgios estes temas, tão próprios da vida do homem.

O conto de fadas clássico tem como característica simplificar, indo directamente aos dilemas existenciais, não arranja rodeios, camuflagem para que as crianças criem ilusões ou fiquem confusas. Expõe os problemas de uma forma clara e concisa. O contrário acontece nos contos modernos para criança, onde tanto a virtude como a maldade se encontram omnipresentes nos contos de fadas. Quer um quer o outro não deixam de existir, só por não serem referidos ou apresentados à criança.

Segundo Bettelheim (1994:16), o mal não deixa de ter os seus atractivos - simbolizados pelo dragão, pelo gigante, ou pela poderosa bruxa. Em muitos contos de fadas, por vezes o poderoso assume o lugar do herói, temporariamente tomando-lhe o poder, verificando-se isso por exemplo com as maldosas irmãs n'A Gata Borralheira. E não é o castigo dado ao usurpador no fim do conto que faz com que se transmita à criança a moral: apenas tem a sua importância para mostrar um castigo dissuasor de fazer o mal.

2. - HISTÓRIAS TRADICIONAIS E HISTÓRIAS CONTEMPORÂNEAS

2.1 - O CONTO - DEFINIÇÃO

Carlos Reis (2000: 78-79) refere-se ao Conto como sendo um género narrativo que normalmente é definido e analisado em conexão com outros géneros narrativos como a novela ou a epopeia, mas mais especificamente com o romance (cf: Pratt, 1981; Bonheim, 1982: 165 - 169). Deste modo, não é raro o Conto ser considerado como uma narrativa pouco extensa, com um número reduzido de personagens, um esquema temporal restrito, uma acção simples ou, pelo menos, com poucas acções separadas e uma unidade de técnica e tom que o romance é muito menos capaz de manter (Bonheim, 1982: 166). São estes os parâmetros a ter em consideração para a caracterização semionarrativa do Conto como género narrativo específico.

A extensão do Conto, segundo advoga o autor, tem a ver também com as suas origens socioculturais e com as circunstâncias pragmáticas que envolvem a sua comunicação narrativa.

O Conto foi considerado por A. Jolles, (1972: 79) uma forma simples (a par da lenda, do mito, da saga, etc.), tendo as suas raízes em ancestrais tradições culturais que utilizavam estes relatos para provocarem aglutinações comunitárias: das narrativas das “Mil e Uma Noites” à encenação dos encantos da comunicação narrativa no conto «O Sésamo», de Miguel Torga, passando pelas jornadas do “Decameron”, pelas Fábulas, pelos contos de fadas, etc. O Conto na sua origem esteve também ligado a situações narrativas elementares: nelas, havia sempre um narrador, que criava quase que uma atmosfera mágica ao pronunciar a expressão «Era uma vez ...», suscitando num auditório fisicamente presente o interesse por acções relatadas num único acto de narração e que não raro tinham, para além desta função lúdica, uma função moralizante.

Pode dizer-se que o conto literário herdou alguma coisa destas dominantes pragmáticas, como por exemplo a função moralizante. Aqui fazemos referência aos “Contos Exemplares”, de Sophia de Mello Breyner Andresen, que, decerto modo, são herdeiros da

exemplaridade. Assim como os “Contos e Histórias de Proveito e Exemplo” (1575), de Gonçalo Fernandes Trancoso.

Parafrazeando Bonheim (1982: 165-169), as categorias da narrativa que, de um modo mais notório, se vêem atingidas pela reduzida extensão do conto são a acção, a personagem e o tempo. A primeira, a acção do conto, baseia-se precisamente na capacidade de seduzir o receptor pela sua temática ou por um simples incidente quotidiano com algum significado humano. Esta acção depende, naturalmente, da personagem e torna-se semanticamente impressiva desde que articulada em função da estrutura do Conto. A personagem, neste caso, tende a ser uma figura simples, mas também um elemento estático.

A personagem poder-se-á fundir com o espaço, componente diegético a que não é possível atribuir um destaque descritivo muito acentuado.

O percurso das personagens na acção do Conto por vezes é banalizado pelo tempo. O tempo da história relatada pelo Conto não é obrigatório que seja reduzido, embora isso seja frequente.

O Conto Popular partilha algumas das propriedades que caracterizam o Conto literário, constituindo uma modalidade específica de discurso que só pode ser devidamente esclarecida em termos pragmáticos.

Se focarmos algumas propriedades comuns, verificamos que, em ambos os casos, se trata de narrativas breves que põem em cena um número reduzido de personagens, caracterizadas com escassez, servindo, de algum modo, de meros suportes de uma acção.

A expressão Conto Popular leva-nos à alusão do presumível responsável pela produção peculiar destes textos narrativos, o povo, situado num espaço rural periférico, pouco permeável a contaminações da cultura urbana.

Os Contos populares fazem parte da literatura tradicional de transmissão oral, tal como as adivinhas, os provérbios, os jogos de palavras e as canções que circulam oralmente de geração em geração, assegurando a manutenção de um património cultural que escapa à sanção dos mecanismos institucionais. Persistem no tempo, evidenciando de forma clara a pervivência de um determinado capital cultural que não passa inevitavelmente pelo recurso a um código grafemático.

Tendo em conta o seu estatuto a nível de significante oral, entende-se que o Conto Popular não se estruture apenas em função do código linguístico: ele institui-se, de facto, na e pela interacção de um conjunto de códigos que estão ausentes no processo de construção do conto escrito de intenção e prática «literárias». Assim, podemos referir a existência de um código cinético, que regula os movimentos corporais, podendo funcionar como complemento importante dos signos verbais no momento em que se narra oralmente uma história; outro, o código proxémico, responsável pela estruturação significativa do espaço humano; o código paralinguístico, que regula a entoação, a qualidade da voz, a ênfase, desempenhando obviamente um papel fulcral no acto de realização oral do conto.

Esta interacção entre os códigos linguísticos e códigos paralelos resulta essencialmente do tipo de comunicação instituída pelo conto popular. (Reis e Lopes, 2000: 82 e 83)

Propp advoga que podemos chamar Conto Maravilhoso, do ponto de vista morfológico,

a qualquer desenrolar de acção que parte de uma malfeitoria ou de uma falta, passando por funções intermédias para ir acabar em casamento ou em outras funções utilizadas como desfecho. (Propp, 2000: 144)

A função limite pode ser a recompensa, o alcance do objecto desejado, ou de uma maneira geral a reparação da malfeitoria, o socorro e a salvação durante a perseguição. Ao desenrolar da acção desta forma, chamamos sequência. Um conto pode ter várias sequências, que podem seguir-se umas às outras, entrelaçar-se ou mesmo intercalarem-se.

Propp, após o seu trabalho de pesquisa, faz alusão ao conto maravilhoso caracterizando-o pela existência de 31 funções e 7 esferas de acção: a esfera do agressor, a do doador, a do auxiliar, a da princesa e do seu pai, a do que manda, a do herói e a do falso herói. O autor procura, como resultado, a descrição do conto maravilhoso, segundo as partes que o constituem e as relações destas partes entre si e com o todo na obra.

Em linhas gerais, a história dos contos de magia pode ser esboçada a partir de dois momentos principais. Num primeiro momento, a criação e a transmissão de um conto faz-se oralmente. Num segundo momento, os mesmos contos passaram a ser veiculados por registos escritos.

A. Jolles defende no seu livro “Formas Simples”, citado por Gotlib, que o conto possui uma “forma simples”, isto é, *“uma forma que permanece através dos tempos, recontada por vários, sem perder sua forma”* (Gotlib, 2003: 18). Um conto pode ser contado com as “próprias palavras” do narrador sem que esta forma simples desapareça. A partir desta afirmação, segundo o mesmo autor, podemos destacar três características importantes dos contos de magia:

1. **Mobilidade:** O conto é transmitido, oralmente ou por escrito, através dos tempos, devido à sua fluidez.
2. **Generalidade:** Pode ser recontado com as próprias palavras do narrador sem que a forma (simples) ou o seu fundo seja alterado ou desapareça.
3. **Pluralidade:** O conto mantém a sua essência e é compreendido por todos.

Se procurarmos uma definição para Contos de Fadas, podemos usar a que refere serem narrativas de acontecimentos impossíveis de ocorrer na vida real e que se reportam a um tempo passado. Há quase sempre algo de mágico e de maravilhoso nesses contos, em que o aparecimento de Fadas, Gigantes, Anões, Bruxas e, por vezes, os Papões (Ogres), acontece com naturalidade. Mas são seres que frequentemente agem à parte, o que sucede também com os animais que falam. O sobrenatural não é uma das características dos Contos de Fadas. E os heróis e heroínas são usualmente seres humanos mortais.

A expressão Conto de Fadas surgiu na França, no século XVII, para designar este tipo de histórias. Filhos da tradição oral, os melhores Contos de Fadas inicialmente circularam por essa via, mas depois receberam algum contributo da literatura culta, pela mão de escritores cujo inegável talento a História registou. A sua origem remota entronca nas colecções de histórias indianas do “Panchatantra”, que existiu e que chegou à Europa via cultura árabe, sendo conhecido já por volta do século X; e ainda de “As Mil e Uma Noites”. Curiosamente, a mais antiga versão do Conto de Fadas, «Cinderela», foi encontrada num livro de contos tradicionais chineses de meados do século IX. Na Europa, os Contos de Fadas começam a ser conhecidos com os “Contos da Cantuária”, de Chaucer, em 1387, e mais tarde, em inícios do século XVII, com o “Pentameron”, de Giambattista Basile. Charles Perrault (1628-1703), com

os “Contos da Mãe Gansa” (1697), onde se incluem «O Gato das Botas», «A Gata Borralheira» ou «Cinderela», «A Bela Adormecida», «No Bosque», entre outros contos. (Barreto, 2002: 143)

Inicialmente os Contos de Fadas não se destinavam a crianças, muito pelo contrário. Perrault escreveu-os como forma de responder aos seus opositores na querela dos Antigos e dos Modernos, que incendiou as discussões dos intelectuais franceses nos finais do século XVII.

No século XX, estabeleceu-se uma luta entre os defensores e os detractores dos Contos de Fadas e da sua influência sobre as crianças. No entanto, Bruno Bettelheim, psicólogo americano com obra importante sobre as psicoses infantis, defendeu os Contos de Fadas, afirmando que eles contribuíam para a saúde emocional da criança.

Monteiro (2000: 40) refere que, no conto, o importante é seduzir, alimentar a imaginação com palavras, imagens, gestos, silêncio, pelo que se diz e não se diz, pois o próprio acto verbal de contar tem encanto. Porque se conta com palavras, porque as palavras são da vida e do entendimento. E durante a vida, cada um vai contando o seu conto (canto) até ao fim: mas às vezes a história é interrompida, fica por contar ... Era ... longe no espaço, longe no tempo, para a liberdade da nossa memória, do imaginar.⁸

Rocha (1984: 19) advoga que Georges Jean faz menção à necessidade de salvaguardar a riqueza do imaginário infantil, acentuando a função dos contos. É através da participação criativa e estimulante dos contos que a criança adquire autonomia de escolha e de recusa, de interiorização pela via do imaginário. Autonomia essa que a iguala ao adulto, em termos de responsabilidade de opções e também de satisfação a tirar dessa mesma autonomia.

Brecht, pela boca de um dos seus personagens em “Peer Gynt”, diz: «*A tua mãe me dava ordens pelas histórias que me contava*». (Rocha, 1984: 20)

⁸ M^a de Lourdes Tavares Soares, M^a Odete Tavares Tojal, “*Histórias de Longe e de Perto*”, Lisboa, Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Multicultural – Ministério da Educação, 1997, p. 7.

2.1.1 - BIOGRAFIA DE CHARLES PERRAULT

Nascido em Paris, a 12 de Janeiro de 1628, morreu também em Paris a 16 de Maio de 1703. Foi membro da alta burguesia, ficando imortalizado por ter criado uma literatura de cunho popular que caiu no gosto infantil, contando também com a aprovação dos adultos. Foi escritor e poeta, estabelecendo bases para um novo género literário, quando colocou a educação dos seus filhos como primeira prioridade, em detrimento da sua actividade profissional como advogado. Movido pela curiosidade, começou por registar as histórias de tradição oral, contadas principalmente pela sua mãe e pela sua ama. Com quase setenta anos, publicou um livro intitulado, naquela época, “*Contos da velha*”, “*Contos da Cegonha*” ou “*Contos da mamãe gansa*”, ficando a obra conhecida por todo o mundo com este último título.

A primeira edição tinha um elemento primordial: a moralidade estava presente no final de cada texto. Estas histórias eram narrativas com textos simples e fluentes, sendo adaptações literárias que incluíam no final conceitos morais, em forma de verso. Deram um grande contributo para a promoção, desde a fase inicial, da chamada Literatura Infantil, onde estava incluso, para além de um texto lúdico, o carácter moral.

Esta colectânea “*Contos da mamãe gansa*” era constituída por oito contos baseados nas tradições populares francesas, sendo-lhe acrescentados posteriormente mais três títulos. Os seus contos falavam de princesas, bruxas e fadas, histórias que até hoje perduram no imaginário infantil, tais como: «Cinderela», «Capuchinho Vermelho», «A Bela Adormecida», «O Gato das Botas», entre outros.

A sua obra literária é, de facto, muito reduzida.

Na realidade, estes contos adaptados por Perrault não foram escritos para a literatura infantil, mas para uma literatura oral destinada às comunidades das aldeias e criada para ser lida durante os serões.

Perrault é considerado, por muitos, o pai dos Contos de Fadas, embora, na verdade, em muitos desses contos não haja fadas, e caracterizá-los como tal não seria o mais correcto. São contos maravilhosos, uma vez que neles aparecem elementos fora da realidade concreta,

inclusive as fadas (boas ou más). No «Capuchinho Vermelho», a personificação do lobo representa o elemento maravilhoso; no «Gato das Botas», temos também a personificação do gato, além da presença do Ogre e as suas transformações; enquanto noutras, há também sempre um elemento maravilhoso.

Contemporâneo de Jean de La Fontaine, Perrault, para além de advogado, também exerceu algumas actividades como superintendente do Rei Luís XIV de França. A maioria de suas histórias ainda hoje são editadas, traduzidas e distribuídas em diversos meios de comunicação, e adaptadas para várias formas de expressão, como o cinema, o teatro e a televisão, tanto em formato de animação como de acção viva. (Wikipédia)

2.2 - A FÁBULA - DEFINIÇÃO

A Fábula é uma narrativa alegórica de uma situação vivida por animais que faz alusão a uma situação humana e tem por objectivo transmitir moralidade. A exemplaridade desses textos espelha a moralidade social da época e o carácter pedagógico que encerram. É oferecido, então, um modelo de comportamento maniqueísta, em que o “certo” deve ser imitado e o “errado”, evitado. A importância dada à moralidade era tanta que os copistas da idade Média escreviam as lições finais das fábulas com letras vermelhas ou douradas para terem maior destaque.

A presença animal deve-se, essencialmente, ao convívio mais efectivo entre os homens e os animais naquela época. O uso constante da natureza e dos animais para a alegorização da existência humana aproximam o público das “moralidades”, apresentando desta forma similaridade com a proposta das parábolas bíblicas. Certas associações entre os animais e as características humanas, feitas nas fábulas, ainda hoje perduram, nalgumas histórias actuais.

A ideia principal da fábula seria a fusão entre o lúdico e o pedagógico. Ao mesmo tempo que se pretendia divertir o leitor/ouvinte destas histórias, eram-lhes apresentadas as virtudes e os defeitos humanos através dos animais. Acreditava-se que a moralidade seria mais fácil de assimilar, quanto maior fosse a alegria e a distração contida na história dos animais que possuíam características humanas. Camuflava-se assim o elemento didáctico que se queria transmitir, pelo elemento lúdico, de entretenimento.

Ao francês Jean de La Fontaine (1621/1692), coube o mérito de dar forma definitiva a esta espécie literária, que ainda resiste ao desgaste dos tempos.⁹

2.2.1 - VIDA E OBRA DE JEAN LA FONTAINE

Jean de La Fontaine nasceu em 1621 no norte de França, na região de Champagne, no seio de uma família burguesa. Ao ter completado o curso secundário, ingressou num seminário para seguir carreira eclesiástica, da qual veio a desistir pouco depois, uma vez que descobriu que a actividade religiosa em nada combinava com o seu temperamento folgazão. Cresceu afeiçoado à natureza que o rodeava, tornando-se amante dos campos, árvores, lagos, rios e florestas. Aprendeu os hábitos e costumes corriqueiros de uma centena de animais, pois observava com entusiasmo a lassidão, o tédio, a aversão e a contrariedade desses “múltiplos filósofos”. Em virtude das suas fábulas, o seu nome ficou gravado, até aos nossos dias actuais, na memória de milhões de pessoas.

Foi autor de contos, poemas, máximas, mas foi com as fábulas que ganhou notoriedade mundial. La Fontaine, começou por escrever as suas fábulas imitando os fabulistas tradicionais, elogiando a concisão de Fedro e a precisão lacónica de Esopo. Pouco a pouco foi enriquecendo os modelos com variantes, de forma que o pequeno apólogo originário da antiguidade, tão sucinto e despojado de ornatos, se transformou numa ampla fábula narrativa, cheia de diálogos dramáticos, com estudo de caracteres e retratos, dando-lhes um tempero de fina ironia.

Como refere Samaniego no prólogo das suas fábulas, a crítica, feita por Locke sobre a colecção de La Fontaine, foi para ele uma lição. Isto porque este fabulista espanhol escolheu para as suas fábulas a simplicidade e a clareza, ao contrário de La Fontaine. (Villasant, 1977: 67)

Um autor moderno, no seu tratado de educação (referindo-se aqui sem dúvida a Locke), disse que em toda a colecção de La Fontaine não conhece senão cinco ou seis fábulas em que brilha distintamente a simplicidade pueril; e ao fazer a análise de algumas, encontrou passagens em desproporção com a inteligência das crianças.

⁹ INTERNET, “Estudos das diversas modalidades de textos infantis”, p. 1 e 2.

As fábulas de La Fontaine foram expressamente escritas e dedicadas a um menino, o jovem Delfim, *ad usum Delphini*. Em 1668, escreve na sua dedicatória: «Ao Meu Senhor, o Delfim», (Villasant, 1977: 68). Foi com esta obra que La Fontaine pensou na instrução e ao mesmo tempo na diversão do jovem príncipe.

La Fontaine fez a história da fábula e a apologia do gênero, e ao mesmo tempo proclamou-se o primeiro fabulista francês. Embora se saiba muito bem que teve predecessores, considerou que a língua francesa era tão diferente nos séculos passados, que bem se podia considerar estrangeira. A novidade das suas fábulas não residia tanto no argumento, que foi buscar a Fedro e a Esopo, como no estilo e na ornamentação.

La Fontaine convenceu-se de que a fábula era o gênero adequado para que as crianças aprendessem a distinguir o bem do mal. Chegou a perguntar a si próprio:

Que melhor método há do que as fábulas? Dizer a uma criança que Crasso ao lutar contra os Partos entrou numa região sem ter em consideração como de lá poderia sair, o que o fez sucumbir e a todo o seu exército, apesar de todos os esforços para se retirar? Contar à mesma criança que a Raposa e o Carneiro desceram ao fundo do poço para matar a sede, que a Raposa saiu apoiando-se na cerviz e nos chifres do seu companheiro, como se fosse uma escada, e que, pelo contrário, o carneiro ficou lá no fundo por não ter sido previdente, facilmente se podendo adivinhar o fim?

Agora pergunto: qual destes dois exemplos causará mais impressão na criança? Será que não se deterá a considerar este último, por ser mais conforme e menos desproporcionado do que o outro em relação à pequenez do seu espírito?

Por isso, La Fontaine chegou à conclusão de que os animais eram os mestres dos homens na sua obra (*“les animaux sont les précepteurs des hommes dans mon ouvrage”*), e serviu-se dos animais para instruir os homens: *“Je me sers d’animaux pour instruire les hommes”*. O fabulista referiu ainda que o prólogo se compunha de duas partes: uma seria o corpo e a outra a alma. O corpo seria a fábula; a alma, a moral.

A intenção moralizante manifestou-se pelo uso das fábulas e dos contos morais e filosóficos. A certa altura, foi sentida a tarefa urgente de fornecer e apetrechar a criança com normas para a vida adulta; para isso foram escolhidos poemas e contos promotores de atitudes conforme a moral vigente na época. Essas obras foram destinadas às crianças das camadas sociais dominantes, embora os ensinamentos morais se estendessem também às

crianças do povo através dos contos populares e das fábulas de Esopo, Fedro e La Fontaine, constituindo material para as leituras e escolarização em vias de alargamento.

As Fábulas vindas da Antiguidade, por porem na boca dos animais aquilo que os homens não gostam de ouvir, foram durante muito tempo consideradas leituras obrigatórias.

As Fábulas introduzem os conceitos do bem e do mal. Mas há já algum tempo que as fábulas caíram em desuso na literatura para crianças.

Denise Escarpit refere:

O que fazia destas histórias de animais livros para crianças não era certamente o lado educativo moral, mas a evocação de seres imaginários e a ilustração que deles fixava uma imagem no espírito das crianças” (Rocha,1984: 26)

No século XVII, Fénelon escreveu “Télémaque”, com objectivos pedagógicos e didácticos, neste caso expressamente para o Duque de Borgonha. Trata-se de uma obra que durante anos andou nas mãos das crianças de vários países.

Em Portugal, apareceram no século XVII, traduções em prosa e em verso das Fábulas de Esopo e de Fedro.

Villasant refere que La Fontaine prescinde muitas vezes da moral, que por si só se desprende do relato, e não tenta forçar a narrativa encaminhando-a para uma moral final. O gosto é a grande regra da época, regendo tudo. (Villasant,1977: 69)

«A Cigarra e a Formiga», «O Corvo e a Raposa», «O Lobo e o Cordeiro» são exemplos de fábulas famosas que as crianças de todo o mundo recitaram quando estudaram as primeiras letras e ao terem os primeiros conhecimentos de Francês.

Segundo defende o mesmo autor, La Fontaine, a partir do seu 8º livro de Fábulas, já não é tão sóbrio como tinha sido nos primeiros. As fábulas são agora muito grandes, e o autor enriqueceu-as, adornou-as com análises, diálogos prolixos e máximas morais. Simultaneamente, apesar da dedicatória inicial para o Delfim, filho de Luis XIV, muitas estão dedicadas a damas e altas personagens da corte. (Villasant,1977: 70)

2.3 - A IMPORTÂNCIA DO MARAVILHOSO NAS HISTÓRIAS INFANTIS

Nos seus primórdios, a Literatura foi essencialmente fantástica, sendo nessa altura inacessível à humanidade qualquer conhecimento científico relativo aos fenómenos da vida natural ou humana. Dominava o pensamento mágico, no lugar da lógica que hoje conhecemos. Essa fase mágica é já reveladora das críticas relativas às preocupações sociais e humanas, feitas através das Fábulas. Dado o mundo imaginário que lhes serve de suporte, tornaram-se apelativas para as crianças que tanto as apreciam. Compreende-se, pois, por que razão esse género de literatura acabou por ter lugar cativo na chamada Literatura Infantil.

O recurso ao maravilhoso é, sem dúvida, um elemento importante para o desenvolvimento psíquico e para o amadurecimento emocional da criança. O prazer e as emoções que estas narrativas proporcionam, o simbolismo implícito nas palavras, no enredo, nas acções das personagens e as “produções imaginárias” agem no inconsciente do indivíduo, ajudando-o a resolver os seus conflitos interiores normais nesta faixa etária. Alusivamente a isto, citamos um pequeno excerto da obra de Nelly Novaes Coelho:

[...] os significados simbólicos dos contos maravilhosos estão ligados aos eternos dilemas que o homem enfrenta ao longo do seu amadurecimento emocional. O que se processa desde a fase narcisista ou egocêntrica inicial, em que domina o eu inconsciente, primitivo e instintivo (Id); durante o qual, segundo Jung, a energia psíquica primária - que regula toda a vida humana - é dirigida exclusivamente para o próprio eu; até a fase final (...) de transcendência da própria humanidade, por um ideal. Entre essas duas fases polares, dá-se a evolução mais significativa do ser humano: passagem do egocentrismo para o sociocentrismo: a do eu para o nós, a fase do eu consciente - Ego - real, afectivo, inteligente, que reconhece e valoriza o outro, como elemento chave para a sua própria auto-realização. (Coelho, 1982: 33)

Os contos maravilhosos têm um papel de grande importância simbólica, visto proporcionarem, para além do prazer e dos aspectos lúdicos, o desenvolvimento criativo e uma personalidade saudável na criança. Este tipo de contos maravilhosos são muito importantes dado que, embora pareçam apenas infantis, absurdos ou divertidos, o certo é que carregam uma significativa herança de sentidos ocultos e essenciais para a nossa vida. (Coelho, 1982: 9)

Seguindo a linha de pensamento de Bettelheim em *Psicanálise dos Contos de Fadas* (2006: s.p), os contos maravilhosos abordam processos psicológicos tais como: identificação,

projeção, ambivalência, dependência infantil, transferência, conteúdo latente, rivalidade edípica e rivalidade fraterna, passando do amor infantil pelo pai para o amor genital maduro, castração, entre outros. Estas narrativas transmitem à mente da criança as diversas mensagens nelas inseridas.

Podemos referir que o imaginário reconstrói o real e actua como uma “imaginação contraventora” do presente. (Trindade e Laplatine, 1996: s.p)

Devemos preocupar-nos com as influências que os contos infantis exercem sobre a mente da criança e, também, com as consequências que daí poderão advir quando adultas. Assim sendo, torna-se necessário advertir que, apesar de os contos serem fundamentais, também podem ser perigosos, se não houver um grande cuidado na sua selecção, podendo desempenhar funções adversas, negativas para a criança. Como já referimos, estes são formadores da personalidade e, por isso, devemos inculcar na criança o gosto pelo conto e alimentá-la com narrações fantásticas, se escolhidas com discernimento, e acelerando a sua maturação com manipulação flexível e lúdica da relação real / imaginário. (Held, 1980: 53)

A criança, por si, já é um ser criativo, necessitando apenas que lhe forneçam material sadio e belo para assim poder organizar o seu “imaginário” e o seu universo mágico, lugar onde ela constrói, cria e destrói, ou seja, onde realiza tudo o que deseja. Através do imaginário que os contos infantis despertam, tem a capacidade de corrigir tudo o que considera errado. A imaginação, quando estimulada, revela-se uma fonte libertadora.

Desde os seus primórdios que a Literatura Infantil é considerada a “literatura da criança”, ou seja, nela estão representadas imagens e directrizes capazes de explorar o imaginário infantil da criança. Foi apelidada de fantasista, até à entrada do Romantismo, quando o maravilhoso dos contos populares foi definitivamente incorporado ao seu acervo (pelo trabalho de Hans Christian Andersen, na Dinamarca; dos Irmãos Grimm, na Alemanha; de Herculano e Garrett, em Portugal; isto mencionando apenas alguns autores mais conhecidos).

Mas quando pensamos nas histórias de Perrault, podemos dizer que foi com a sua obra que este tipo de literatura teve o seu início, visto os seus contos terem tido forte repercussão para as crianças e terem permanecido até hoje, como grande fonte de interesse.

Este autor, além de fazer a fusão da estética com a didáctica, capta a criança em formação para a vida superior do espírito, que é um dos fundamentais objectivos da Literatura Infantil.

Salientamos que o importante na Literatura Infantil é despertar a criança para todos os aspectos, desde o intelectual ao emocional, passando pelo psicológico e pelo social, entre outros. E é através do conto infantil que essa complexidade se reflecte. Embora hoje o conto seja recriado tendo em conta os problemas actuais, ainda conserva as suas tradicionais fontes, sendo um trampolim para a formação da criança, graças à influência dos componentes do maravilhoso.

Nos dias de hoje, mesmo distinguindo uma vertente mais clássica e outra mais moderna na Literatura Infantil, verificamos que, quer numa, quer na outra das vertentes, as crianças ainda encontram uma maneira de realizarem os seus desejos reprimidos, graças a esses mundos onde prevalecem a liberdade, a imaginação e a fantasia.

A literatura maravilhosa, para além de dar perenidade ao acto fugaz de viver, concretiza-se também na matéria formal relacionada com o que distingue o ser humano dos outros seres: a palavra e a linguagem criativa.

Os contos maravilhosos são considerados como uma viagem ao interior do espírito da criança e aos abismos do seu inconsciente. Neste tipo narrativo, desde o início, somos lançados para acontecimentos fantásticos. Contudo, depois de guiar a criança por um mundo maravilhoso, o final da narrativa devolve-a à realidade, de uma forma tranquila. A criança, através de devaneios, cria, recria e destrói usando a fantasia e, através desse jogo, liberta as tensões do seu inconsciente. Desta forma, os contos maravilhosos rompem na imaginação da criança novas perspectivas que seriam impossíveis de descobrir de outra forma.

O conteúdo destes contos maravilhosos desperta na criança imagens que podem estruturar os seus devaneios.

As crianças que não tenham ao seu alcance este tipo de material ficarão, à partida, menos criativas, porque os contos auxiliam-nas a superar dificuldades, pois este tipo de narrativa, segundo a interpretação psicanalítica, foi sempre um material considerado de extrema importância para o desenvolvimento social - moral e afectivo da criança.

Através dos contos maravilhosos, segundo nos refere Nelly Novaes Coelho,

[...] a criança é levada a se identificar com o herói bom e belo [...] por sentir nele a própria personificação dos seus problemas infantis: seu inconsciente desejo de bondade, de beleza e sua necessidade de segurança e protecção. (Coelho, 1982: 34)

A criança, ao identificar-se com os protagonistas heróis destas narrativas maravilhosas, é levada inconscientemente a resolver os seus problemas e a alcançar o equilíbrio adulto.

O maniqueísmo que divide as personagens em boas e más, belas ou feias, poderosas ou fracas, facilita à criança a compreensão de certos valores básicos de conduta humana no seu convívio social. Esta dicotomia, se transmitida, através de uma linguagem simbólica, numa fase em que a criança se encontra em plena formação, torna-se fundamental para a formação e enriquecimento da sua consciência ética, uma vez que os valores, os princípios que as regem, são valores perenes. O que muda é apenas o conteúdo rotulado de bom ou mau, certo ou errado.

Em suma, graças a toda uma simbologia de que estas narrativas fazem uso, tornam-se fortes instrumentos didácticos e verdadeiros ensinamentos de vida. De facto, a criança tende a identificar-se com o herói bom e belo, não devido à sua bondade ou beleza, mas por sentir nele a própria personificação dos seus problemas. Toda a criança sente necessidade de segurança e protecção. O suporte nestes heróis, que tudo conseguem, ajuda-a a superar os medos que a inibem de enfrentar os perigos e ameaças que sente à sua volta, levando-a a um maior equilíbrio, dando-lhe sugestões de coragem e optimismo que serão úteis à criança para atravessar e vencer as inevitáveis crises de crescimento.

A própria linguagem, quer das fábulas como dos mitos e das lendas, conduz facilmente as crianças ao mundo do sonho, da fantasia, dada a enorme carga metafórica nela contida.

Desta forma, quer as narrativas mais antigas, quer as mais contemporâneas, desempenham um grande papel no desenvolvimento da criança. Todas elas dão o seu contributo para que a criança encontre o verdadeiro significado da vida.

3.- APRESENTAÇÃO DO GRUPO¹⁰

Dada a natureza do nosso estudo, será pertinente ter em conta toda a envolvência das crianças que compõem o grupo. Começamos por fazer uma breve referência ao meio físico que envolve o grupo e o local onde está inserido o Jardim-de-Infância de referência. Posteriormente faremos uma breve análise da criança e do seu meio familiar.

Deste modo, achámos pertinente dar conhecimento aos encarregados de educação dos alunos envolvidos, impondo-se aqui solicitar a sua permissão para a utilização de fotografias e de alguns trabalhos elaborados pelos seus educandos, uma vez que a nossa pesquisa vai ter lugar em contexto real.

A selecção do *corpus* foi escolha nossa, atendendo a que a base utilizada para o nosso estudo compreendesse material pouco conhecido, ou mesmo desconhecido, das nossas crianças, para termos a certeza que o resultado seria o mais credível e justo possível.

O Grupo envolvido é composto por dez crianças, integradas no Jardim-de-Infância de Antas.

Geograficamente situa-se numa aldeia, na região da Beira Alta, e dista 18Km da sede do Concelho (Penalva do Castelo) e 50Km da capital de Distrito: Viseu. É sede de freguesia e dela fazem parte as localidades de Miusela e Carvalhal Redondo.

É uma das freguesias mais distantes da sede do concelho que confronta com o concelho de Fornos de Algodres. Abrange uma área de 1 018 hectares, confrontando com as freguesias de Matela, Casal Vasco, Vila Cova do Covelo e S. João Fresta. Existem mais duas estradas, que a ligam ao concelho de Aguiar da Beira e ao concelho de Mangualde.

Tem deficientes vias de acesso, estradas secundárias que dão acesso a outras freguesias. A estrada que a liga à sede do concelho tem um piso perigoso, principalmente no Inverno, por ser muito sinuoso e estreito.

Dentro da aldeia: as estradas e as ruas são calcetadas. Para o exterior, as estradas são alcatroadas.

¹⁰ A apresentação do grupo foi a que elaborámos para o Projecto Curricular de Turma.

Existem dois tipos de transporte: os transportes escolares, que levam os estudantes para Penalva do Castelo e Fornos de Algodres, e os transportes colectivos, com percurso para Penalva e Viseu.

Na freguesia já existem serviços básicos, como água canalizada da rede pública em quantidades suficientes, água de fontanários, rede de esgotos, electricidade e recolha de lixo.

Como as oportunidades de trabalho são escassas e empregam apenas um número reduzido de pessoas, como é o caso da construção civil, da pedreira, da serralharia, uma empresa de aplicação de caleiras (pequena serralharia) e o Centro Social, a população deslocou-se para as grandes cidades à procura de outras oportunidades e melhores condições de vida, do que resultou um envelhecimento da população com um grande número de população inactiva. Há ainda a destacar uma elevada taxa de emigração que foi provocada pela saída de grande parte da população, especialmente para a França e a Suíça.

A nível habitacional predominam as casas rústicas em pedra, as quais, na sua maioria, foram restauradas pela população emigrada ou pelos mais jovens.

Na sua maioria, são trabalhadores por conta de outrem e exercem a sua actividade em empresas instaladas fora da aldeia ou nas já acima referidas.

O sector feminino trabalha maioritariamente nos lares ou Centros de Dia das redondezas. No apoio ao idoso, há a destacar o Centro Social e Paroquial. Esta instituição presta serviço domiciliário de almoço e / ou apoio domiciliário (nas lides da casa: limpezas e tratamento das roupas) aos idosos que dele necessitam.

Este Centro presta também serviço de almoços às crianças do Jardim-de-Infância.

Depois da sua actividade profissional, alguns deles dedicam-se à agricultura de subsistência e à criação de gado ovino.

O comércio tem pouca expressão em Antas, estando somente garantido o abastecimento de produtos de primeira necessidade, reduzindo-se apenas a um café - mercearia e a um café - restaurante. Os fornecedores de pão e peixe são ambulantes.

Os serviços de saúde, segurança social e outros também são inexistentes nesta localidade, havendo necessidade de recorrer, sempre que necessário, à sede do Concelho ou à Vila de Fornos de Algodres, por ficar mais próxima desta localidade.

O campo escolar da freguesia é composto apenas por um Jardim-de-Infância.

Na ocupação dos tempos livres, Antas conta com três associações para preservar e divulgar as tradições, os costumes e a cultura locais:

- Associação Desportiva Recreativa e Cultural;
- Associação Desportiva e Recreativa de Miusela;
- Centro Social e Paroquial.

Na ocupação dos tempos livres, a população estudantil frequenta os cafés e procura diversões noutras localidades.

A restante população aprecia as festas de carácter popular e os jogos tradicionais realizados ao longo de todo o ano, como a Malha, as Cartas (sueca) e o Chincalhão.

As tradições desta localidade estão intimamente relacionadas com a religião, realizando-se festas em honra do Orago S. Vicente, a 22 de Janeiro; Santo Amaro, no dia 15 de Janeiro; São Tiago, de 2 a 9 de Agosto; e Nossa Senhora do Bom Sucesso, a 20 de Setembro.

A maioria das famílias, das crianças, pertence a uma classe média/baixa; embora quase todas as mães trabalhem fora de casa, ainda há alguns homens que não têm vencimento fixo, estando dependentes da oferta de trabalho.

São já algumas as famílias que referem fazer férias fora do local habitual de residência.

Todas vivem em moradia e, apesar de 80% ter casa própria, apenas algumas das crianças dormem em quarto individual, havendo situações em que os filhos partilham o mesmo quarto dos pais. As famílias têm entre 1 e 3 filhos, contando os agregados familiares 3, 4, 5 ou 7 elementos, apenas um com 8 (contando com os avós e bisavós). A nível de habilitações académicas, apenas existe uma mãe com curso superior, sendo a escolaridade básica obrigatória correspondente à formação da maioria.

Todas as crianças necessitam do serviço de almoço e de prolongamento, devido à falta de disponibilidade dos pais, que trabalham, e ainda ao facto de a maioria destas crianças serem de outras localidades.

Todas as crianças costumam brincar na rua e, quando brincam em casa, utilizam essencialmente o quarto, a cozinha e a garagem. Preferem brincar com jogos, bonecos, bicicletas. Todas costumam brincar com os irmãos e familiares.

Na sua maioria, os pais revelam não ter consciência da importância da relação escola - família e do papel da escola enquanto co-responsável da formação pessoal e social dos seus filhos.

O Jardim-de-Infância localiza-se numa das extremidades da aldeia, junto da via pública.

Funciona numa das salas devolutas da antiga escola do 1º CEB, na outra funciona a Componente de Apoio à Família.

O espaço interior é composto por um *hall* de entrada, que dá acesso às casas de banho: uma para os adultos e a outra para as crianças.

A sala de actividades é espaçosa, com 48 metros quadrados, para um grupo de 10 crianças. É bastante arejada e com boa luminosidade. O mobiliário é adequado e está em razoável estado, oferecendo as condições necessárias para o desenvolvimento das actividades relativamente ao grupo a que se destina.

Quanto ao espaço exterior, é amplo e adequado às actividades de exterior, sempre que o tempo o permite. Na frontaria do edifício, encontra-se uma caixa de areia, onde existe, fixado, um escorrega e o suporte para duas cadeiras de baloiço. É o local de eleição das crianças, para as actividades ao ar livre. Este espaço tem muitas árvores, oferecendo grandes sombras no Verão e dois pedaços de terra ajardinados contendo algumas flores. Na parte de trás do edifício existe um campo térreo, onde estão colocadas duas balizas e onde se encontra um pequeno coberto que serve de arrumação para alguma lenha, que alimenta a caldeira do aquecimento durante o Inverno. O abastecimento de água é feito através da rede pública. A vedação do espaço é feita com muro de granito, rede e grades de ferro.

LISTA NOMINAL DAS CRIANÇAS

TABELA - 1

NOME DA CRIANÇA	DATA DE NASCIMENTO
BEATRIZ RIBEIRO FERNANDES	31/03/2005
CATARINA GOMES BATISTA	15/09/2005
TERESA MARIA MOTA SOARES	18/08/2006
JULIANA MARQUES CARVALHO	30/08/2006
BEATRIZ GOUVEIA VAZ	15/09/2006
MATILDE ALMEIDA FERNANDES	15/09/2006
LILIANA RIBEIRO FERNANDES	29/08/2007
TÂNIA SOFIA MENDES RODRIGUES	15/11/2007
ANDRÉ FILIPE COSTA GOUVEIA	20/11/2007
BEATRIZ ANDRADE GARCIA	19/12/2007

-O grupo é constituído por crianças bastante novas e na sua maioria do sexo feminino. São apenas duas as crianças (do sexo feminino) que vão para o 1º Ciclo no próximo ano lectivo.

IDADE DAS CRIANÇAS POR GÉNEROS

TABELA - 2

	3 anos	4 anos	5 anos	Total
Rapazes	1	0	0	1
Raparigas	3	4	2	9
Total	4	4	2	10

-O grupo é constituído por crianças com poucos anos de frequência. Apenas duas delas frequentam o Jardim pelo 3º ano consecutivo.

DISTRIBUIÇÃO DO GRUPO POR ANOS DE FREQUÊNCIA

TABELA - 3

INICIAM A FREQUÊNCIA	2º ANO DE FREQUÊNCIA	3º ANO DE FREQUÊNCIA
4	4	2

-Quase todas as crianças têm irmãos exceptuando uma.

NÚMERO DE IRMÃOS POR CRIANÇA

TABELA - 4

2 IRMÃOS	1 IRMÃO	0 IRMÃOS
2	7	1

-A maioria dos pais das crianças refere apenas ter a escolaridade obrigatória. No entanto, uma das mães tem curso superior.

HABILITAÇÕES LITERÁRIAS DOS PAIS

TABELA - 5

HABILITAÇÕES LITERÁRIAS	PAI	MÃE
4º ANO	1	2
6º ANO	7	4
9º ANO	1	3
12º ANO	1	0
ENSINO SUPERIOR	0	1

-Relativamente à Profissão dos Pais das crianças, os dados revelam-nos que a predominância é dos camionistas. No caso das mães, as domésticas encabeçam a lista, seguindo-se as que trabalham no Centro de Dia.

PROFISSÃO DOS PAIS

TABELA -6

PROFISSÕES	PAI	MÃE
Doméstica	0	5
Camionista	6	1
Pedreiro	2	0
Ajudante de cozinha	0	1
Acção S.C.D.A	0	2
Professor	0	1
Sem profissão definida	2	0

Apesar de ser um grupo heterogéneo, no que diz respeito às idades, em relação ao género é muito homogéneo, o que facilitou os motivos de interesse. O grupo revela alguns problemas comportamentais com atitudes muito imaturas, no saber esperar pela sua vez, na partilha de material e no respeito pelos outros. Manifestam algum défice de concentração e atenção. Possuem algumas dificuldades de expressão verbal e revelam pouca autonomia. Demonstram certa dificuldade na transmissão dos seus saberes (quer a nível oral, quer a nível gráfico) e na aplicação dos mesmos na vida activa. São crianças que não demonstram grande criatividade. Cansam-se com muita facilidade durante a execução de qualquer actividade que lhes é proposta.

As crianças dos cinco anos são bastante responsáveis, atentas e interessadas por todas as áreas de actividades que se realizam.

No trabalho desenvolvido com o grupo, aplicámos e trabalhámos as histórias como prática habitual. O nosso trabalho de investigação incidiu na nossa prática lectiva, inserindo-a como parte integrante no desenvolvimento de todas as áreas pretendidas. Levámos a criança a desenvolver o seu lado criativo, a sua imaginação, bem como o seu vocabulário.

Foi constante e presente a preocupação em articular os vários saberes, para que a criança compreendesse bem as mensagens que lhe queríamos transmitir. Privilegiámos a interdisciplinaridade, ficando com a certeza de que nada ficou por explorar, atingindo assim a meta a que nos propusemos.

4. - O PLANO NACIONAL DE LEITURA

O Plano Nacional de Leitura, emanado por iniciativa dos Ministérios da Educação, da Cultura e dos Assuntos Parlamentares, tem como objectivo primordial promover hábitos e competências de leitura nos cidadãos em geral, imputando um forte destaque nas crianças e jovens em idade escolar.

Relativamente aos alunos do pré-escolar e do 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico, fundamenta-se com os resultados de estudos que verificam ser imprescindível assegurar a aquisição das competências básicas de leitura nas primeiras etapas da vida, com o objectivo de evitar dificuldades que, progressivamente, se aglomeram, se multiplicam e se transformam em obstáculos quase inultrapassáveis.

O Plano Nacional de Leitura surge como resposta institucional à preocupação pelos níveis de literacia da população em geral e, em particular, dos jovens, significativamente inferiores à média europeia.

As estratégias adoptadas destinam-se a promover o desenvolvimento de competências nos domínios da leitura e da escrita, bem como no aumento e aprofundamento dos hábitos de leitura:

A leitura é uma janela para um tempo e para um espaço aberto ao infinito, mas se nos olvidarmos de como se abre a janela corremos o risco de encastrar no ferrolho e de deixar para sempre manietado o prazer de abraçar as palavras escritas. (Sim-Sim, Ramos e Santos, 2006: 74)

Os objectivos gerais do Plano Nacional de Leitura são vários:

- Estimular nas crianças e jovens o prazer de ler, intensificando, alargando e diversificando as acções promotoras da leitura em contexto escolar, na família e em outros contextos sociais, como prisões e hospitais;
- Contribuir para criar um ambiente social favorável à leitura;
- Criar oportunidades de leitura para as crianças, jovens e adultos que requerem meios especiais de leitura;

- Mobilizar os principais responsáveis pela educação das crianças e assegurar a formação e instrumentos de apoio para técnicos (professores, animadores, bibliotecários, outros mediadores);

- Inventariar e otimizar os recursos e as competências para a leitura e a escrita e criar e manter um sistema de informação e de avaliação do Plano.

O Plano Nacional de Leitura prevê, também, um amplo conjunto de iniciativas, entre elas a concepção e divulgação de listas com obras recomendadas, semanas da leitura, divulgação de passatempos, promoção de cursos e de “sites” na Internet, o apoio a bibliotecas escolares ...

É de realçar o facto de o Plano Nacional de Leitura ter introduzido recentemente na sua página on-line uma Biblioteca de Livros Digitais¹¹, que disponibiliza livros dirigidos a crianças e jovens para leitura on-line.

Na primeira fase de desenvolvimento do Plano (2007 - 2011), os grupos-alvo prioritários são os alunos dos Jardins-de-Infância, os alunos das escolas do 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico e os alunos com necessidades educativas especiais. Procura envolver os Professores, os Educadores, os Bibliotecários e as famílias dos respectivos alunos. Numa segunda fase, prevê abranger também os jovens dos restantes graus de ensino.

Enfim, o Plano Nacional de Leitura procura fazer subir os níveis de competência e práticas de leitura de livros, entre as crianças e as camadas mais jovens, procurando envolver diversos grupos mediadores do livro e da leitura em diversos contextos, sobretudo o escolar.

A Infância e a Juventude são, sem dúvida, as idades em que a promoção da leitura mais se faz sentir. Esta é, como se fez notar ao longo do presente estudo, uma orientação que reúne grande consenso entre os promotores do Projecto.

¹¹ A Biblioteca de Livros Digitais é um espaço dinamizador de iniciativas relacionadas com a leitura e a escrita, que se assume como um agregado de livros de autores consagrados e aprovados pelo PNL e, em simultâneo, como repositório de trabalhos realizados por pessoas interessadas em criar outros textos motivados pelo livro que acabaram de ler.

4.1- HISTÓRIAS SELECIONADAS DO PLANO NACIONAL DE LEITURA

Nesta parte prática do nosso estudo, apresentamos alguns passos seguidos na elaboração do mesmo.

Em relação às obras seleccionadas do Plano Nacional de Leitura, escolhemos os dois livros que nos foram propostos para a concretização do Projecto Educativo do Agrupamento onde leccionamos e que abordam a temática sobre a importância da Natureza e a educação para os valores. Estas obras irão facultar, às crianças, o contacto precoce com um conjunto de valores considerados essenciais no quadro de qualquer projecto educativo de gerações mais jovens, pois, segundo Vinha (2000), no processo de reflexão sobre as acções das personagens, as crianças enfrentam questões sobre o que acreditam ser “mau” ou “bom”, “errado” ou “certo”, construindo as suas próprias opiniões. São também confrontadas com a opinião dos outros, iniciando o processo de construção dos seus valores morais a partir das experiências de vida do quotidiano.

A escolha da obra de José Viale Moutinho¹² “O Menino Gordo” surgiu precisamente por haver uma criança no grupo que, apesar de ter apenas três anos, já demonstra um certo grau de obesidade e, conseqüentemente, surgirem frases e atitudes discriminatórias por parte dos colegas.

Deste modo, também com estas escolhas, as crianças serão confrontadas com vários valores, sendo eles, entre outros, os da amizade, da solidariedade, entajuda, respeito pelos outros e pela natureza. Pensamos atingir com estas obras os objectivos pretendidos.

Para a escolha da obra “O Menino Gordo”, partimos da antecipação do título para os conteúdos.

Assim, foram seleccionados livros recomendados não só para o pré-escolar, como também para o 1º Ciclo, que abordam, explicitamente, a temática anteriormente referida.

¹² José Viale Moutinho nasceu no Funchal, Ilha da Madeira, tendo publicado o seu primeiro livro (Natureza Morta Iluminada) em 1968. Jornalista da delegação do Porto do Diário de Notícias, a sua obra literária reparte-se pela ficção, pela poesia e pelo ensaio. Organizou também diversas antologias. No domínio do livro infantil, publicou: *Manhas do Gato Pardo*, que eram (re) contos populares russos, *O Menino Gordo*, *Pedro o Pescador*, e nesta colecção sairá, ainda, *O Meu Amigo Invisível*.

1. O ESTUDO

O nosso estudo centra-se na nossa prática lectiva, considerando-o, por isso, parte integrante de uma programação onde estão presentes o ensino-aprendizagem dos vários domínios a ter em conta para o desenvolvimento das áreas apontadas para o Pré-Escolar.

Ler e contar Histórias é fundamental para a formação das crianças, é uma forma de desenvolver e incentivar o gosto pela fantasia, promovendo na criança a sua criatividade e, gradualmente, o seu gosto literário.

Pretendemos dar o nosso contributo para a formação de indivíduos críticos, responsáveis e activos, na sociedade, isto porque vivemos numa época onde acontecem, rapidamente, trocas sociais, sejam elas através da leitura, da escrita, da linguagem oral ou visual.

Foi o propósito bem definido de tentar guiá-las na sua descoberta, com a alegria e prazer que as histórias lhes proporcionam, que nos levou a enfrentar este desafio a que nos propusemos. Para a sua concretização, durante alguns meses serão trabalhadas as Histórias/Contos por nós seleccionados, em contexto de sala de aula, tentando sempre atingir os seguintes objectivos: enriquecer o seu vocabulário; criar e incentivar o gosto pela leitura; conduzir a criança pelo mundo do faz-de-conta, incutindo-lhe valores, desenvolvendo-lhe a criatividade e a imaginação. Em suma, pretendemos levá-la à descoberta do prazer pela leitura e de tudo o que daí advém.

Tendo em conta que são inúmeras as obras com as características pretendidas, tivemos que optar por estas pensando atingir, com elas, os objectivos pretendidos.

Desta forma, para a escolha de algumas, partimos da antecipação dos títulos para os conteúdos.

Procurámos construir um quadro de análise das obras escolhidas sobre a temática que pretendemos abordar, agrupando-as por épocas.

2. - OBRAS SELECCIONADAS

TABELA - 7

TRADICIONAIS					
TÍTULO	GÉNERO	AUTOR	ILUSTRADOR	EDITORA	ANO
A Gata Borralheira	Conto	Perrault	Michael Fiodorov	P/Círculo de Leitores	1993
O Gato das Botas	Conto	Perrault	Michael Fiodorov	P/Círculo de Leitores	1993
A Raposa e a Cegonha	Fábula	Jean de La Fontaine	Simone Baudoin	Verbo	S/ Data
PLANO NACIONAL DE LEITURA					
O Dia em que a Mata Arde	História	José Fanha	M ^a João Gromicho	Gailivro	2007
O Dia em que o Mar Desapareceu	História	José Fanha	M ^a João Gromicho	Gailivro	2010
O Menino Gordo	História	José Viale Moutinho	Carla Pott	Gailivro	2003

Posteriormente, para um melhor conhecimento das obras seleccionadas, foi elaborada uma sinopse de cada uma delas como, que será apresentada mais à frente.

2.1 - PROCEDIMENTOS PARA TRABALHAR AS OBRAS

A selecção das obras não foi tarefa fácil, uma vez que o mercado é um universo amplo de publicações, embora saibamos que nem todas de boa qualidade.

Foi nossa primeira preocupação escolhermos Histórias pouco conhecidas pelas crianças da nossa amostra.

Consequentemente, pensamos obter uma conclusão mais genuína para o nosso estudo.

Seleccionámos dois Contos tradicionais de Perrault: “A Gata Borralheira” e “O Gato das Botas”; uma Fábula de La Fontaine: “A Raposa e a Cegonha”; e três Histórias escolhidas do Plano Nacional de Leitura: “O Dia em que a Mata Arde”, “O Dia em que o Mar Desapareceu” e “O Menino Gordo”. Pensando *a priori* na magia, nos valores e conceitos que, com estas obras, poderíamos transmitir, contribuindo para o desenvolvimento evolutivo da personalidade das nossas crianças.

Foram seguidos os mesmos procedimentos para com todas as obras. Escolhemos duas em simultâneo (uma da vertente mais clássica e outra da vertente mais contemporânea) para serem trabalhadas, uma no período da manhã e outra no período da tarde. Adoptámos algumas estratégias pedagógico-didácticas, tendo em consideração a idade das crianças.

Numa primeira fase, foi nossa pretensão criar um ambiente estimulante, com o propósito de despertar a curiosidade das crianças. Explicámos o vocabulário desconhecido para que, ao lermos a história/conto, a criança compreendesse o seu sentido, assim como aquilo que com ela lhe queríamos transmitir. Depois de contada a história/conto, procedemos à sua exploração, espicaçando os conhecimentos prévios e provocando outros saberes e outros conteúdos ao texto associados.

Para cada história/conto, organizámos um questionário para ser colocado ao grupo, e ao qual este respondeu. De seguida, foi feito o registo gráfico individual das histórias. Só posteriormente foram apresentadas as imagens ou desenhos que ilustram as obras. Quando necessário, procedeu-se a outro registo gráfico, individual ou colectivo.

A partir daqui, foram efectuadas fichas de trabalho abrangendo as diversas áreas: na matemática, com exploração de números, sequências, associações de imagens, tamanhos,

posições ...; na área da linguagem oral e escrita, com ordenações de imagens, procura de palavras, composição de palavras, descoberta de letras ... As crianças mais novas realizaram pinturas de vários elementos incluídos nas obras, fazendo associações com cores, tamanhos, formas, classes ... Foram explorados poemas, lengalengas, destrava línguas, etc. A nível da Música, foram exploradas canções com letra, ritmo, identificação de instrumentos musicais (alguns elaborados com diversos materiais reciclados). Na expressão Dramática, sempre que possível, fez-se uma pequena representação da história, utilizando fantoches, sombras chinesas ou personificações.

No final destas actividades, foi feito o reconto da História/Conto.

Consideramos, contudo, que desta forma houve articulação de conteúdos, pelo que, apesar de privilegiarmos, por vezes, uns em detrimento de outros, tal não foi relevante.

Após a exploração das obras seleccionadas para este nosso estudo, em contexto de sala de aula, implementámos ainda uma outra actividade: a cada criança foi dada a oportunidade de escolher uma das obras do nosso estudo para levar para casa, podendo permanecer na sua posse, no máximo uma semana. As crianças teriam de solicitar aos pais ou familiares que lhes lessem a história/conto e conversassem, todos, sobre ela. (Aqui houve crianças que aproveitaram o tempo até ao limite, para terem a história na sua posse, enquanto outras, no dia seguinte, já traziam a história/conto)

A escolha das obras, por parte das crianças, desencadeou-se de forma entusiasta e ordeira. Todas quiseram levar assim como falar acerca do que se passou em casa e daquilo que dela aprenderam. O critério utilizado para a escolha foi seguindo a ordem de um mapa, onde figuram as datas de nascimento de todas as crianças, começando pelas mais velhas.

No decorrer das várias semanas, verificámos mais uma vez qual a preferência demonstrada pelo grupo. Das dez crianças matriculadas, apenas duas preferiram levar duas histórias mais contemporâneas: “O Menino Gordo” e “O Dia em que a Mata Ardeu”. Todas as outras escolheram os Contos ou a Fábula.

Pretendemos culminar esta actividade com o reconto de uma das Histórias/Conto, por parte de alguma das crianças, para toda a comunidade escolar, na festa de final do ano

lectivo, envolvendo os Encarregados de Educação, familiares das crianças, representantes do Agrupamento de Escolas, da Autarquia e Junta de Freguesia das Antas.

Pretendemos atribuir um prémio simbólico que constará de um livro, para a criança que fizer o reconto. O texto apresentado pela criança será escrito no Livro Azul do Jardim¹³.

O nosso êxito dependerá das estratégias adoptadas, devendo ser as mais diversificadas possíveis, a fim de captarem o interesse do grupo, dado que cada criança tem o seu mundo próprio e a sua maneira para lá chegar, que necessariamente será diferente de criança para criança. Daí a necessidade de lhe dar a conhecer diversos tipos de histórias, leituras e diversos meios através dos quais possa adquirir conhecimentos.

2.2 - DESENVOLVIMENTO DO ESTUDO

2.2.1- Fundamentação conceptual e pedagógica

Iremos incluir neste trabalho, no decorrer da descrição das actividades, os questionários, sinopses das obras e algumas canções, poemas, adivinhas, lengalengas ..., utilizados para a exploração dos temas implícitos nas obras seleccionadas. A selecção destes foi feita a nosso gosto, de acordo com as áreas que pretendíamos abordar. Alguns dos trabalhos das crianças ou por elas desenvolvidos também irão constar de um volume de anexos.

A estrutura organizativa foi criada a partir das obras seleccionadas, introdutórias de uma série de propostas de exploração e de actividades, tendo em conta as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Despacho nº 5220/97, de 10 de Julho), documento oficial que orienta a prática profissional do Educador de Infância da Rede Nacional de Educação Pré-Escolar. Essas Orientações apontam para uma necessidade de se reconhecer a criança como sujeito do processo educativo, propondo a construção articulada do saber. Nesta perspectiva, as propostas apresentadas foram definidas, visando promover na criança o

¹³ Este livro é um livro feito com recolhas de quadras, poemas e histórias recontadas pelas crianças do Jardim, ao longo dos quatro anos da minha colocação.

interesse pela descoberta, o desejo de aprender e a sua capacidade criativa. Foi assim que surgiu este conjunto de materiais, a partir da perspectiva sistémica e ecológica da aprendizagem, que define o desenvolvimento da criança como um processo dinâmico de interacção com o meio envolvente, constituído por diferentes sistemas dinâmicos e em permanente evolução. A criança interage com sistemas restritos e imediatos, como são a sua família, a sua casa, a rua onde reside, a sua escola e, simultaneamente, com sistemas mais alargados, como são a localidade onde reside e a sociedade em que está inserida. Através desta interacção, a criança transforma-se e transforma.

Estas propostas organizam-se tendo em conta a criança como um Eu em todas as dimensões: Eu físico, Eu afectivo e Eu social. Pretende-se constituir, para a criança, um material propiciador da tomada de consciência do seu corpo (Eu físico) e do conhecimento de si mesmo, consciência das suas emoções e dos seus sentimentos (Eu afectivo) e, ainda, consciência do seu lugar na sociedade, na família, na escola, na sociedade em geral, bem como dos direitos, deveres e regras a que está sujeita (Eu social).

As actividades apresentadas foram organizadas na perspectiva da transversalidade dos conteúdos e da multidisciplinaridade, fazendo a articulação entre as áreas abordadas e tendo em conta que a construção do saber se processa de uma forma integrada, sempre a partir da leitura/audição de uma história.

Esta estratégia fundamental vai de encontro ao Plano Nacional de Leitura, implementado pelo Ministério da Educação, em 2006. Este programa tem como principal objectivo melhorar os níveis de literacia da população escolar, dado que Portugal apresenta níveis significativamente inferiores à média europeia, visando sobretudo as camadas mais jovens. Concretiza-se num conjunto de medidas destinadas a promover o desenvolvimento de competências nos domínios da leitura e da escrita, o despertar do gosto pela leitura, bem como cimentar hábitos de leitura na população escolar, tendo eleito como público-alvo prioritário as crianças em educação pré-escolar e nos primeiros seis anos do Ensino Básico.

Foi já demonstrado, através de estudos realizados, que as competências básicas, ao nível da leitura e da escrita, devem desenvolver-se nas primeiras etapas da vida, sob pena de

surgirem dificuldades que poderão vir a acumular-se, multiplicando-se e transformando-se em obstáculos muitas vezes quase intransponíveis.

Torna-se pertinente sublinhar que, no decorrer do nosso estudo, pretendemos usar estas obras como material facilitador da interacção escola/família. Assim, iremos apelar à participação dos pais e encarregados de educação, para uma maior cooperação. As histórias poderão ser lidas e relidas em casa, e a exploração do seu conteúdo pode ser desenvolvida simultaneamente em casa e na escola, numa acção conjunta a combinar de acordo com a realidade de cada criança, família e Jardim de Infância.

Para além da audição da história efectuada no Jardim de Infância, vamos valorizar a leitura em contexto familiar, uma vez que a leitura da história em família pode ser um momento privilegiado de interacção positiva. A criança gosta de ouvir repetidamente a mesma história.

Pretendemos criar uma ligação harmoniosa, transversal e transdisciplinar dos conteúdos, articulando as várias áreas abordadas e considerando sempre que a construção do saber se processa de forma integrada.

2.3.1 - O GATO DAS BOTAS¹⁴

A fundamentação pedagógica desta história “O Gato das Botas” remete-nos para inúmeras mensagens, podendo ser enumeradas e discutidas a partir do desenrolar das acções da personagem principal.

Permite-nos trabalhar a valorização dos sentimentos de lealdade e ainda o poder e a subtileza da inteligência em detrimento da força física.

Poderá também ser associada ao Outono, como época de caça e de moagem dos cereais, muito embora nela também seja focada a época da ceifa, que se realiza no Verão.

A Partir do conto e da observação/leitura, são apresentadas algumas actividades que trabalham transversalmente e de forma integrada as várias competências dentro das diferentes áreas do saber. Daí a elaboração de uma grelha para cada uma das histórias.

¹⁴ *Os Mais Belos Contos de Perrault*. Tradução de Carlos José Marques D. de Jesus. Companhia Editora do Minho, S.A. para Círculo de Leitores (1993: 75).

TABELA - 8

HISTÓRIA “O GATO DAS BOTAS”	
COMPETÊNCIAS E SABERES	
FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL	<ul style="list-style-type: none">• Valorizar sentimentos de lealdade e entreatajuda• Diferenciar realidade e fantasia• Valorizar a relação com os animais• Compreender a sutileza da inteligência
ORALIDADE	<ul style="list-style-type: none">• Aprender um ditado popular• Conhecer novas palavras• Responder a perguntas que implicam compreensão inferencial• Desenvolver a memória verbal
ABORDAGEM À LEITURA E À ESCRITA	<ul style="list-style-type: none">• Ler imagens• Copiar palavras num teclado de computador• Perceber a unidade correspondente a uma letra• Ordenar palavras
MATEMÁTICA	<ul style="list-style-type: none">• Compreender a noção de “par”• Compreender noções de quantidade• Efectuar contagens• Repetir padrões
EXPRESSÃO MOTORA/DRAMÁTICA	<ul style="list-style-type: none">• Coordenação de movimentos com ritmos• Fazer fantoches (gatos)
EXPRESSÃO MUSICAL	<ul style="list-style-type: none">• Explorar situações de silêncio• Explorar padrões rítmicos associados a palavras
EXPRESSÃO PLÁSTICA	<ul style="list-style-type: none">• Desenhar• Recortar• Colar• Pintar repetindo padrões• Criar novos padrões
CONHECIMENTO DO MUNDO	<ul style="list-style-type: none">• Conhecer personagens de outras épocas• Conhecer peças de vestuário de outras épocas• Conhecer profissões - camponeses, ceifeiros e moleiro• Reconhecer nas brincadeiras dos felinos os seus instintos de caça

O questionário foi elaborado pensando no desenvolvimento da atenção e concentração das crianças, assim como na compreensão sequencial da história.

QUESTIONÁRIO FEITO ÀS CRIANÇAS:

- Qual o título da história?

R: O Gato das Botas.

- Quem era o personagem principal?

R: O Gato

- Quais as outras personagens da história?

R: Um moleiro, os filhos do moleiro, o rei, a princesa, o ogre e os camponeses.

- Quantos filhos tinha o moleiro?

R: O moleiro tinha três filhos.

- O que é que o moleiro deixou aos filhos, quando morreu?

R: Um moinho, um burro e um gato.

- O filho mais novo gostou do que lhe coube em sorte?

R: Não. Porque pensou que o gato não valia nada.

- Em que local se passou a história?

R: Passou-se no campo.

- Afinal o gato era inteligente. Que plano traçou?

R: Como era muito inteligente, pensou logo em ir caçar e levar a caça ao rei, dizendo-lhe que era o seu amo que lhe enviava.

- Para que serviu o saco?

R: Para o gato caçar os animais.

- Qual era o truque utilizado pelo gato?

R: Colocava comida dentro do saco e esperava que os animais entrassem no saco para comer, para depois fechar o saco.

- Qual era o local para onde o rei e a princesa iam passear?

R: Iam passear à beira do rio.

- O que fez o gato?

R: Mandou que o rapaz tirasse as roupas e se metesse no rio a pedir socorro.

- O que fez o rei?

R: O rei mandou tirar o rapaz do rio e vestir-lhe umas roupas novas e bonitas.

- O que é que o gato pediu aos camponeses?

R: Pediu-lhes para mentirem e dizerem que as terras eram do rapaz (o Marquês de Carabás)

- O que é que o gato lhes prometeu em troca?

R: Prometeu salvá-los do Ogre, que era o dono das terras.

- Que artimanha usou o gato para matar o Ogre?

R: Pediu-lhe para se transformar num rato.

- O que fez, depois, o gato?

R: Comeu o rato.

- Quem recebeu o rei no castelo, que era do Ogre?

R: Foi o Gato.

- Porque é que o rei estava contente?

R: Porque o rapaz (Marquês de Carabás) era muito rico e queria que casasse com a princesa.

Em análise, neste conto o herói é bem sucedido através do Gato das Botas. Este conto não propõe opções entre o bem e o mal, mas proporciona à criança a esperança de que mesmo os fracos podem triunfar. (Bettelheim, 2008: 18)

Para um melhor conhecimento das obras trabalhadas, foi elaborada uma pequena sinopse de cada uma delas.

SINOPSE DA OBRA:

“O GATO DAS BOTAS”

Um gato inteligente e astuto prometera a seu amo, um rapaz pobre e simplório, que o tornaria num homem muito rico e com um futuro próspero, em troca de um par de botas e um saco.

Conseguiu enganar a todos, inclusivamente a um Ogre e ao rei, com o seu discurso sábio e simpático.

Foi criando, para o rapaz, uma imagem de homem rico e respeitável (O Marquês de Carabás), fazendo com que o rei lhe desse a mão da princesa em casamento.

Cumprindo, deste modo, a promessa que fizera ao seu amo, no início da história.

LENGALENGA “BICHINHO GATO”

*BICHINHO GATO,
QUE COMES TU?
SOPINHAS DE LEITE.
GUARDASTE-ME DELAS?
GUARDEI, GARDEI.
ONDE AS PUSESTE?
ATRÁS DA ARCA.
COM QUE AS TAPASTE?
COM O RABO DA GATA.
SAPE, SAPE, SAPE, GATO
SAPE, SAPE, SAPE, GATA.*

Autor: António Mota¹⁵

CANÇÃO: Ó MARGARIDA MOLEIRA

*Ó MARGARIDA MOLEIRA,
DÁ-ME DA TUA FARINHA, AI, AI, AI!
Q'EU A QUERO PENEIRAR, AI, AI, AI!
PELA NOVA PENEIRINHA.*

*EU PEDI UM CACHO DE UVAS,
Ó MARGARIDA MOLEIRA, AI, AI, AI!
EU A QUERO PENEIRAR, AI, AI, AI!
PELA NOVA PENEIRINHA.*

AI, AI, AI, PELA NOVA PENEIRINHA!

(Sugestão de uma criança - JULIANA - 4 ANOS)

¹⁵ António Mota, *Livro de Lengalengas 1*, Vila Nova de Gaia, Gailivro, 2007, p. 7

ADIVINHA

TEM ORELHAS DE GATO

E NÃO É GATO;

FOCINHO DE GATO

E NÃO É GATO;

RABO-DE-GATO

E NÃO É GATO.

(O que é?) R: - A GATA

Luísa Ducla Soares¹⁶

DESTRAVA LÍNGUAS

UMA GATA PRETA

PRENDEU A PERNA

NA PORTA DO PRÉDIO.

VEIO A PRIMA DA PRAÇA

E VIU A PRIMA PRETA

COM A PERNA PRESA.

FOI DESPRENDÊ-LA

E FICARAM AS DUAS PRESAS

NA PORTA DO PRÉDIO.

Luísa Ducla Soares¹⁷

¹⁶ Recolha e selecção de LUÍSA DUCLA SOARES, *adivinha, adivinha*, (2001: 12), Livros Horizonte, LDA. LISBOA.

¹⁷ Recolha e selecção de LUÍSA DUCLA SOARES, *Destrava Línguas*, (1997: 28), Livros Horizonte, LDA. LISBOA.

Para além de fazermos a exploração da história, através do questionário que elaborámos, explorámos, também, as actividades antes apresentadas.

Conversámos sobre alguns valores implícitos na história, como a amizade, a entreaajuda, o companheirismo;

Fizemos o registo gráfico (desenho) da história;

Uma ficha com um gato.

Fizemos fantoches de luva (um Gato);

A nível da Expressão Física e Motora, realizámos o jogo do gato e do rato.

Na área do Conhecimento do Mundo, conversámos sobre as profissões referidas na história; os vários animais domésticos, levando as crianças a mencionar quais os animais que possuem nas suas casas; a alimentação que se destina a cada animal; de que forma é o revestimento do corpo de cada um deles ...

Para culminar a exploração da história, foi feita uma pequena dramatização com os fantoches elaborados.

A par desta história, fomos trabalhando uma outra recomendada pelo Plano Nacional de Leitura, da autoria de José Fanha¹⁸: *“O Dia em que a Mata Ardeu”*. Os procedimentos utilizados foram bastante similares.

¹⁸ José Manuel Kruss Fanha Vicente nasceu em Lisboa, a 19 de Fevereiro de 1951. É autor de histórias e poesia para a infância, dramaturgo e dramaturgista, autor de letras para canções e textos para rádio. É arquitecto, professor de ensino secundário e, actualmente, guionista para televisão e cinema. Tem dirigido Oficinas de Poesia e de Escrita além de desenvolver trabalho intenso de divulgação de poesia e promoção do livro e da leitura em Bibliotecas e escolas um pouco por todo o país. É também pintor nas horas vagas (INTERNET).

2.3.2- O DIA EM QUE A MATA ARDEU¹⁹

Como fundamentação pedagógica, esta proposta apresenta a importância da diversidade, beleza, riqueza e encantamento da Natureza (espécies, classes, grupos, cheiros, sons ...), tendo como objectivo principal a preservação da Natureza e os cuidados a ter com ela. Conduz também à reflexão sobre valores como a negligência, o atrevimento, o desleixo e o respeito pelos outros.

A alimentação aparece associada aos víveres consumidos pelos intervenientes da história.

Surge-nos também alguma referência sobre o lixo e a poluição, sonora e ambiental.

A Natureza é também generosa e persistente na regeneração da vida.

¹⁹ José Fanha, *O Dia em que a Mata Ardeu*, Vila Nova de Gaia, Gailivro, 2007.

TABELA - 9

HISTÓRIA “O DIA EM QUE A MATA ARDEU”	
COMPETÊNCIAS E SABERES	
FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL	<ul style="list-style-type: none">• Conhecer diferenças entre a mata “viçosa” e a mata ardida• Compreender a importância que tem a natureza, para os seres vivos• Perceber a importância da natureza
ORALIDADE	<ul style="list-style-type: none">• Aprender a canção “Estava na floresta...”• Conhecer novos vocábulos• Desenvolver a memória verbal
ABORDAGEM À LEITURA E À ESCRITA	<ul style="list-style-type: none">• Perceber que as palavras são compostas por várias letras• Executar grafismos (árvores, animais...)
MATEMÁTICA	<ul style="list-style-type: none">• Compreender a noção de número/quantidade (muitos/poucos)• Ordenar, do mais pequeno para o maior• Resolver labirintos
EXPRESSÃO MOTORA/DRAMÁTICA	<ul style="list-style-type: none">• Dramatizar a história no fantocheiro com algum material construído na sala
EXPRESSÃO PLÁSTICA	<ul style="list-style-type: none">• Desenhar• Recortar• Colar /elaboração de um painel• Fazer dobragens (pássaros, flores, árvores)• Traçar percursos• Construir um moinho de vento• Construir fantoches
CONHECIMENTO DO MUNDO	<ul style="list-style-type: none">• Perceber a diferença da utilização de diferentes materiais• Conhecer diferentes tipos de paisagens, vários tipos de árvores• Conhecer as estações do ano: Outono (a natureza, os alimentos)• Tomar conhecimento da alimentação, das várias espécies• Conhecer várias classes de animais• Conhecer habitats naturais

QUESTIONÁRIO SOBRE A HISTÓRIA:

- Qual o tema principal da História?

R: A Mata, a Natureza.

- De quem era a Mata?

R: De toda a gente.

- Quem vivia na Mata?

R: Muitos animais (pássaros, raposas, borboletas, coelhos ...)

- Quem apareceu na Mata, a fazer muito barulho?

R: A família dos pássaros Bisnaus.

- O que é que eles foram fazer à Mata?

R: Foram fazer um piquenique.

- Onde deitaram o lixo que fizeram?

R: Deitaram-no no chão, por todo o lado.

- Depois de comerem o que fez o pai bisnau?

R: Deixou-se dormir, e o cigarro que estava a fumar caiu para o chão.

- O que aconteceu a seguir?

R: O cigarro provocou um incêndio.

- Quem chamou os bombeiros?

R: Foi um pássaro que vivia na floresta.

- O que é que não devemos fazer na floresta?

R: Não devemos deitar lixo para o chão; não fazer barulho para não assustarmos os animais selvagens; não devemos danificar as árvores nem a vegetação e não devemos acender fogueiras.

- No final da história, o que aconteceu à Mata?

R: Voltou a crescer, a encher-se de animais e flores.

COMENTÁRIOS: -Mas demorou muito tempo! - Disse a Matilde

- Professora, posso trazer penas para fazermos Bisnaus?- Perguntou a Catarina

2.1- SINOPSE DA OBRA:

TÍTULO: O Dia em que a Mata Ardeu

ANO DE ESCOLARIDADE: 3º, 4º, 5º e 6º anos

TIPO DE LEITURA RECOMENDADA: Recomendado para apoio a projectos relacionados com a Natureza/Defesa do Ambiente

“O DIA EM QUE A MATA ARDEU”

Em jeito de Fábula, o autor aborda de forma expressiva e pedagógica a importância da floresta como espaço natural privilegiado de vida e de diversidade.

O alerta para questões ambientais permanentes, como o efeito devastador dos incêndios florestais, tantas vezes resultantes de comportamentos negligentes, e a importância da recuperação das áreas ardidadas, fazem deste livro um precioso instrumento de sensibilização.

CANÇÃO DO CUCO

**ESTAVA NA FLORESTA E O CUCO A CANTAR,
ATRÁS DUMA GIESTA, NÓS FOMOS ESCUTAR.**

CUCU, CUCU, MAROTO ÉS TU!

CUCU, CUCU, MAROTO ÉS TU!

**A NOITE 'STAVA ESCURA E NÃO HAVIA LUAR,
OUVIMOS LÁ AO LONGE, UM LOBO A UIVAR.**

AÚ, AÚ, AÚ, AÚ, AÚ!

AÚ, AÚ, AÚ, AÚ, AÚ!

ADIVINHA²⁰

**VOO SEM ASAS,
ASSOBIO SEM BOCA,
FUSTIGO SEM MÃOS
E NÃO ME VÊS NEM ME TOCAS.**

(solução: Vento)

Autora: Carla Rodrigues Pires

²⁰ Carla Rodrigues Pires, *Adivinhas*, Montanha Encantada. Everest Editora, 2001, p. 22

DESTRAVA LÍNGUAS

**A BOMBA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS
É BOA, BONITA E BARATA E TRABALHA BEM.**

Luísa Ducla Soares

DESTRAVA LÍNGUAS

**- PARDAL PARDO, PORQUE PALRAS?
- PALRO SEMPRE E PALRAREI,
PORQUE SOU O PARDAL PARDO
E PALRADOR DEL-REI.**

Luísa Ducla Soares

ADIVINHA

**A COACHAR, A COACHAR
SEMPRE SEM PARAR
DE MANHÃ JUNTO À ÁGUA
ONDE GOSTA DE ESTAR.**

QUEM É?

(A Rã)

A **Catarina** (criança de cinco anos) levou para o Jardim um saco com penas de galinha. Com elas e com papel de jornal, elaborámos um bonito cartaz, que se encontra afixado na sala de actividades. O mesmo irá fazer parte de uma exposição a realizar na Câmara Municipal de Penalva do Castelo e no final do ano lectivo, na sede do Agrupamento de Escolas de Penalva.

No decurso da exploração das duas histórias, surgiu uma situação, que nos parece merecer referência:

A **Beatriz Ribeiro**, uma criança de 5 anos do grupo, pediu para contar uma história. Foi nossa sugestão que contasse *O Dia em que a Mata Ardeu*. De imediato respondeu: *“Não, eu quero contar uma história, mas não essa! Quero contar O Gato das Botas, porque eu gosto mais de histórias com muita magia!”*

Daqui resultou uma conversa sobre o que era magia, e esta criança continuou a referir que, para ela, a **magia** só existia quando tudo se transformava em coisas bonitas e boas; quando havia princesas e roupas bonitas. No final da história, havia casamento e viviam felizes para sempre.

Ainda no prosseguimento do nosso estudo e estando nós numa época em que os problemas ecológicos, de protecção à Natureza e de defesa do meio ambiente, tomaram grande projecção, somos levados, naturalmente, a sensibilizar as crianças da mais tenra idade para a descoberta da Natureza e de tudo o que a rodeia. Embora saibamos que esta necessidade se torna premente, por vezes sentimos alguma dificuldade em orientar os mais pequenos nesse sentido.²¹

No entanto, procurámos completar as nossas planificações programando duas saídas para zonas envolventes ao Jardim de Infância. Uma delas foi um passeio a uma área arborizada com mata e pinhal, passando depois por um pequeno parque de diversão e piqueniques. Nestes locais, a sensibilização foi direccionada para a Natureza e os perigos a que está sujeita, quando se verificam algumas catástrofes, sejam elas naturais ou provocadas pelo homem como: os incêndios, o corte das matas, o depósito de lixeiras ...

²¹ Jacques Dournaud, *ensibilizar as Crianças à Natureza*, 1977, Família 2000.

Já no parque puderam observar locais próprios para se efectuarem os grelhados, onde se deve colocar o lixo, sem que coloquemos o parque em risco de incêndio ou de poluição ambiental.

Noutra saída, fomos visitar um moinho, localizado nos arredores da aldeia, num lameiro perto de uma ribeira, o qual ainda se encontra a laborar. Vimos fazer a farinha de milho, as crianças tiveram a oportunidade de observar o modo de funcionamento do moinho e qual a sua fonte de energia (água da ribeira). Nas imediações, pudemos ainda observar: um pequeno açude, alguns animais anfíbios como a rã e a salamandra, certas plantas aquáticas e terrestres. No regresso, tivemos oportunidade de ver uma considerável quantidade de colmeias localizadas numa pequena encosta de urzes.

Estas actividades permitiram-nos um melhor reconhecimento de alguns pormenores e potencialidades da Natureza envolvente, que nos facilitaram, de algum modo, a compreensão de certos conteúdos implícitos nas histórias.

2.3.3- A RAPOSA E A CEGONHA²²

Esta proposta, estruturada a partir da Fábula «A Raposa e a Cegonha», reforça o conhecimento do «Eu» e dos «Outros» e a discussão sobre as interacções sociais a partir das características das personagens da história, salientando-se a importância da capacidade de resolução de situações problemáticas (distúrbios alimentares e diferença).

²² *Fábulas de La Fontaine*, Traduzidas e adaptadas por poetas portugueses e brasileiros do século XIX. Estudo crítico de Teófilo Braga. Edição revista e anotada por Cabral do Nascimento. Lisboa, Editorial Minerva, s.d.

TABELA - 10

HISTÓRIA “A RAPOSA E A CEGONHA”	
COMPETÊNCIAS E SABERES	
FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL	<ul style="list-style-type: none">• Identificar características individuais• Identificar valores• Compreender as regras de convivência• Compreender a sutileza do pensamento
ORALIDADE	<ul style="list-style-type: none">• Conhecer novas palavras• Descrever ilustrações• Responder a perguntas que implicam compreensão inferencial• Explicar significados de palavras• Responder a perguntas sobre a história• Desenvolver a memória verbal - inventar histórias
ABORDAGEM À LEITURA E À ESCRITA	<ul style="list-style-type: none">• Observar e ler imagens• Identificar letras iguais• Perceber a unidade correspondente a uma letra• Copiar palavras num computador
MATEMÁTICA	<ul style="list-style-type: none">• Identificar a quantidade e algarismos - o nº 4• Compreender noções de quantidade• Efectuar contagens• Reconhecer padrões numéricos• Estabelecer correspondências entre imagens e algarismos• Identificar texturas: duro/mole; áspero/macio
JOGO SENSORIAL	<ul style="list-style-type: none">• Desenvolver a percepção tátil• Estar atento e concentrado• Participar num jogo colectivo
EXPRESSÃO MOTORA/DRAMÁTICA	<ul style="list-style-type: none">• Fazer corridas• Representar a história
EXPRESSÃO MUSICAL	<ul style="list-style-type: none">• Ouvir música tradicional• Explorar e cantilena: “Dona Cegonha”
EXPRESSÃO PLÁSTICA	<ul style="list-style-type: none">• Desenhar• Recortar• Colar• Pintar com vários materiais

QUESTIONÁRIO:

- Qual o título da História (Fábula)?

R: A Raposa e a Cegonha.

- Quem sabe o que significa matreira?

R: Manhosa.

- A Raposa convidou a Cegonha para o quê?

R: Para comer papas de milho, em sua casa.

- A Cegonha não conseguiu comer nada: porquê?

R: Porque a Raposa serviu-lhe as papas num prato raso. A Cegonha, como tinha o bico muito afiado e comprido, não conseguiu comer.

- A Cegonha saiu contente da casa da Raposa?

R: Não. E, para se vingar, convidou-a também para ir almoçar a sua casa, no dia seguinte.

- Onde foi que a Cegonha serviu as papas à Raposa?

R: Serviu-lhas numa garrafa de gargalo estreito.

- A Raposa conseguiu comer?

R: Não. Só lambeu os pingos que a Cegonha deixava cair.

- Qual foi a desculpa que a Raposa deu à Cegonha, por não comer as papas?

R: Disse-lhe que ainda estava cheia das papas do dia anterior.

- Isso seria verdade?

R: Não. A Raposa estava cheia de fome e não comeu porque não conseguiu.

- A Cegonha ficou contente ou triste com a partida que pregou à Raposa?

R: Ficou contente, porque a Raposa tinha-lhe feito o mesmo.

- Vocês acham que as duas procederam bem?

Aqui as opiniões divergiram, tendo dado origem a uma pequena discussão sobre o que era certo ou errado. Colocaram-se em evidência alguns valores tais como: o valor da lealdade, da amizade e da aceitação das diferenças.

Conversámos sobre os ninhos das Cegonhas, onde eram construídos e que materiais utilizavam; algumas das crianças referiram que já tinham visto ninhos de Cegonha nas torres das igrejas, nos postes eléctricos, nos moinhos abandonados, em chaminés de casas velhas, etc. Referiram que utilizavam paus e outros materiais que pareciam desperdícios.

Falámos também no habitat da Raposa: quais as diferenças em relação ao da Cegonha. Abordámos o tema da alimentação das duas espécies. Conversámos sobre o que eram animais selvagens; qual o revestimento do corpo, de cada um deles.

As crianças fizeram o registo gráfico da Fábula; fez-se a exploração de uma lengalenga com batimentos de palmas, cantando ao mesmo tempo.

Com a ajuda das crianças fizemos uma pequena sinopse da história (Fábula), para que houvesse uma melhor compreensão de tudo o que já tinha sido referido durante a sua exploração.

SINOPSE DA FÁBULA:

A RAPOSA E A CEGONHA

A Raposa convidou a Cegonha para almoçar em sua casa, apenas com o propósito de se divertir às suas custas.

A Cegonha aceitou o convite, não suspeitando das más intenções da Raposa.

Ao aperceber-se de tudo, a Cegonha fez questão de retribuir o convite à Raposa. E à hora marcada, desta vez, quem se riu foi a Cegonha que deitou as papas em duas garrafas, para que a Raposa não pudesse comer nada.

A Raposa, apesar de ter percebido a mensagem, não quis dar parte de fraca, dizendo não estar com apetite, porque ainda estava “enfartada” do dia anterior.

Enquanto isso, a Cegonha ia dizendo com ar trocista: cá se fazem, cá se pagam!

LENGALENGA

DONA CEGONHA

FAZ QUÁ, QUÁ

MONTA À ESCOLA

FAZ QUÁ, QUÁ

DÓ, RÉ, MI, FÁ!

LENGALENGA

NA TOCA DA DONA RAPOSA

NA SUA TOCA, DONA RAPOSA

PELA JANELA ESTAVA A OLHAR,

QUANDO VIU UMA CEGONHA.

LOGO A RAPOSA MATREIRA A CONVIDOU

PARA NA SUA CASA ENTRAR.²³

²³ Edições Convite à Música, *As Letras em 24 Canções*, Clube do Pautas, Edição/Reimpressão, 2008: 72

2.3.4- O Menino Gordo

A história “O Menino Gordo” permite a abordagem, de uma forma divertida, de temáticas tão importantes como são a alimentação saudável e a solidariedade. Aponta as diferenças individuais, valorizando a reflexão sobre as atitudes / comportamentos individuais e colectivos.

TABELA - 11

HISTÓRIA “O MENINO GORDO”	
COMPETÊNCIAS E SABERES	
FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL	<ul style="list-style-type: none">• Expressar emoções• Identificar valores• Promover a solidariedade• Compreender e aceitar as diferenças individuais
ORALIDADE	<ul style="list-style-type: none">• Ler e escrever imagens• Recontar a história• Cantar «A Canção do Elefante»• Responder a perguntas sobre a história
ABORDAGEM À LEITURA E À ESCRITA	<ul style="list-style-type: none">• Identificar / reconhecer letras e palavras• Contactar com a escrita e com a oralidade• Realizar grafismos
MATEMÁTICA	<ul style="list-style-type: none">• Reconhecer contrários/opostos• Enumerar através da canção• Repetir sequências de cores• Relacionar quantidades de objectos com números• Compreender a noção de posição - o meio
JOGO SENSORIAL	<ul style="list-style-type: none">• Desenvolver a percepção do gosto• Participar num jogo colectivo
EXP. MOTORA/DRAMÁTICA	<ul style="list-style-type: none">• Promover a expressão Dramática, através do diálogo e actividades de grupo• Representar a história
EXPRESSÃO MUSICAL	<ul style="list-style-type: none">• Explorar a “Canção do Elefante”, em grupo
EXPRESSÃO PLÁSTICA	<ul style="list-style-type: none">• Desenhar as personagens da história• Recortar e colar para fazer um cartaz
CONHECIMENTO DO MUNDO	<ul style="list-style-type: none">• Realizar experiências: confeccionar receitas de culinária (bolo de milho, sopa de legumes, espetadas de frutas, doce de abóbora)

QUESTIONÁRIO:

- Qual o nome da história?

R: O Menino Gordo

- Qual era o verdadeiro nome do menino?

R: Era Matias.

- Porque é que chamavam bucha ao menino Matias?

R: Porque era muito gordo.

- Porque é que ele era tão gordo?

R: Era gordo porque comia muitas bolachas, bombons e chocolates. (Guloseimas)

- Quem era o Estica?

R: Era o esqueleto que estava na sala da Professora, Anita Mosca Morta.

- O que aconteceu um dia ao esqueleto?

R: Desmontou-se todo, espalhando-se os ossos pelo chão da sala.

- Como se chamava a escola onde andava este menino?

R: Chamava-se Colégio de S. Turcato.

- Quais eram os mais malandrecos da turma onde estava inserido o Matias?

R: O Cientista Maluco, que era o Alfeu; e o Zé Nabo.

- Como se chamava a Directora do Colégio?

R: Era a Dr.^a Purificação.

- O que fez, de mal, o menino Alfeu?

R: Partiu a lâmpada da sala, com uma funda.

- E o Zé Nabo, o que fez?

R: Atou os atacadores dos sapatos dos meninos.

- A quem atribuíam todas as maldades?

R: Diziam sempre que tinha sido o Matias a fazer as “asneiras”.

Comentário:

- A **Juliana** (criança com quatro anos) referiu: *“Mas não era, os colegas eram uns mentirosos!”*

SINOPSE DA OBRA

TÍTULO: O MENINO GORDO

ANO DE ESCOLARIDADE: Livro recomendado para a Educação Pré-Escolar

LEITURA RECOMENDADA: Voz alta / contar / trabalhar na sala de aula

O MENINO GORDO

Sabem lá o que aconteceu durante um dia num Colégio que tem como alunos o guloso Menino Gordo, o Alfeu Cientista Maluco e o malandreco do Zé Nabo? Até a Doutora Purificação, ao entrar na aula da Professora Anita Mosca Morta, espalhou pelo chão os ossinhos do esqueleto. Enfim, um dia levado da breca.

DESTRAVA LÍNGUAS²⁴

SE O PAPA PAPASSE PAPA,

SE O PAPA PAPASSE PÃO,

O PAPA TUDO PAPAVA,

SERIA O PAPA PAPÃO.

LENGALENGA²⁵

“CÁ, CÁ, RÁ, CÁ”

CÁ CÁ RÁ CÁ

PÕE-TE NA PÁ,

FAZ UM BOLINHO

PARA O TEU JOÃOZINHO

QUE ANDA NA ARADA

DESDE MADRUGADA

SEM COMER NADA.

²⁴ Luísa Ducla Soares.

²⁵ Luísa Ducla Soares.

CANÇÃO

UM ELEFANTE

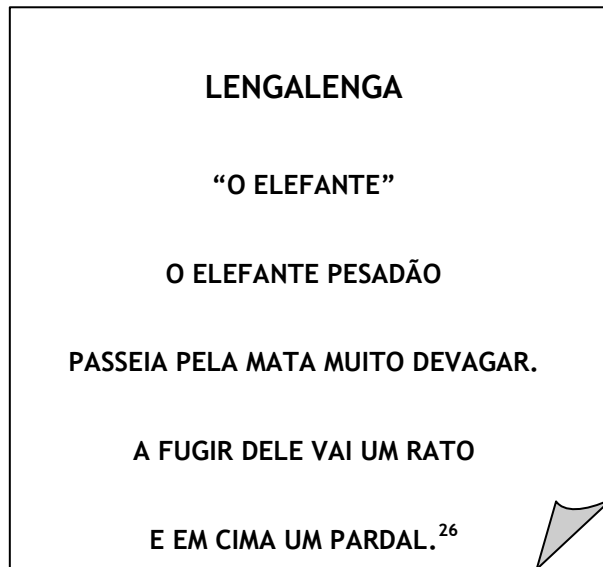
**UM ELEFANTE SE BALOIÇAVA
SOBRE A TEIA DE UMA ARANHA,
E COMO VISSSE QUE RESISTIA,
FOI CHAMAR MAIS COMPANHIA.**

**DOIS ELEFANTES SE BALOIÇAVAM
SOBRE A TEIA DE UMA ARANHA,
E COMO VISSEM QUE RESISTIA,
FORAM CHAMAR COMPANHIA.**

**TRÊS ELEFANTES SE BALOIÇAVAM
SOBRE A TEIA DE UMA ARANHA,
E COMO VISSEM QUE RESISTIA,
FORAM CHAMAR COMPANHIA.**

(...)

(Autor desconhecido)



No último dia, da exploração destas duas obras, fomos dar um passeio em busca de algum sítio onde pudessem existir ninhos de Cegonha. Nesta aventura, não tivemos qualquer sucesso.

2.3.5- A Gata Borracheira

A fundamentação teórica desta história privilegia a exploração do mundo imaginário e da fantasia. A partir da exploração deste conto, as crianças podem descobrir a riqueza das diferenças individuais reflectindo sobre a malvadez (da madrasta) e a benevolência (da fada madrinha) assim como sobre a importância da persistência pelo que se deseja e da realização pessoal. A submissão e o valor da justiça também podem aqui ser discutidos.

²⁶ "Aprender Letras com Música", p: 20. www.edicoesconviteamusica.pt

TABELA - 12

HISTÓRIA “A GATA BORRALHEIRA”	
COMPETÊNCIAS E SABERES	
FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar características individuais • Diferenciar a realidade e a fantasia • Identificar valores • Compreender a subtilidade
ORALIDADE	<ul style="list-style-type: none"> • Responder a perguntas sobre a história • Descrever ilustrações • Responder a perguntas que implicam compreensão inferencial • Explicar significados de palavras • Aprender a canção «Viva o Rei» • Desenvolver a memória verbal - inventar histórias
ABORDAGEM À LEITURA E À ESCRITA	<ul style="list-style-type: none"> • Observar e ler imagens • Identificar letras iguais • Perceber a unidade correspondente a uma letra • Copiar palavras e efectuar grafismos • Efectuar labirintos
MATEMÁTICA	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar a quantidade e algarismos • Compreender noções de quantidade • Efectuar contagens • Estabelecer correspondências entre imagens e algarismos • Compreender noções temporais (horas)
JOGO SENSORIAL	<ul style="list-style-type: none"> • Estar atento e concentrado • Participar num jogo colectivo • Desenvolver o sentido da audição
EXPRESSÃO MOTORA/DRAMÁTICA	<ul style="list-style-type: none"> • Fazer corridas utilizando sons (Jogo das estátuas) • Representar a história
EXPRESSÃO MUSICAL	<ul style="list-style-type: none"> • Aprender a canção «Viva o Rei» • Explorar canções e cantilenas relacionadas com a história
EXPRESSÃO PLÁSTICA	<ul style="list-style-type: none"> • Desenhar, recortar e colar • Pintar com vários materiais
CONHECIMENTO DO MUNDO	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer o património arquitectónico • Conhecer personagens de outras épocas • Conhecer o vestuário de outros tempos mais antigos

QUESTIONÁRIO SOBRE A HISTÓRIA:

- **Porque chamavam a menina de Gata Borralheira?**

R: Porque estava sempre junto ao borralho, toda suja.

- **Com quem vivia a menina?**

R: Com a madrasta e as duas filhas daquela.

- **Porque chorou a Gata Borralheira?**

R: Porque a madrasta não a deixava ir ao baile, ao palácio.

- **Quem a ajudou?**

R: Foi a Fada Madrinha.

- **De que maneira a ajudou?**

R: Fez magia para aparecerem um vestido bonito, uns sapatos e uma carruagem, para a Gata Borralheira poder ir ao baile.

- **Qual foi a advertência que a fada lhe fez?**

R: A Gata Borralheira tinha que voltar para casa antes da meia-noite

- **O que aconteceu à Gata Borralheira quando descia as escadas do Palácio do príncipe?**

R: Perdeu um sapatinho.

- **De que material era feito o sapatinho?**

R: Era feito de cristal.

- **Como encontraram a dona do sapatinho?**

R: Experimentando-o a todas as meninas do reino. Mas só serviu à Gata Borralheira.

- **O que aconteceu, a seguir, à Gata Borralheira?**

R: Foi pedida em casamento pelo príncipe e foi viver para o palácio real. E ficaram felizes para sempre.

SINOPSE DA OBRA:

A GATA BORRALHEIRA

Uma menina pobre é maltratada pela madrasta malvada, que a obrigava a fazer as tarefas domésticas enquanto as suas filhas se divertiam e descansavam.

Um dia houve um baile no palácio real e foram todas convidadas, mas a madrasta não deu permissão para que a Gata Borralheira também fosse. Com a ajuda da sua Fada Madrinha, a Gata Borralheira foi ao baile, vestindo um lindo vestido e uns sapatinhos de cristal. De regresso a casa, a Gata Borralheira perdeu um dos sapatinhos de cristal, que foi encontrado pelo príncipe.

O príncipe, que se tinha apaixonado pela menina, ordenou que todas as raparigas do reino experimentassem o sapato. Quando chegou a vez da Gata Borralheira, o sapatinho serviu-lhe.

O príncipe pediu a Gata Borralheira em casamento e viveram felizes para sempre.

CANÇÃO

TENHO UM GATO PEQUENITO

QUE ANDA AÍ A PASSEAR,

NÃO O VEJO, NÃO O VEJO

MAS ESCUTO O SEU MIAR!

MIAAAAAAAUUUUU!

CANÇÃO

VIVA O REI, VIVA A RAINHA,

VIVAM TODOS COM PRAZER!

UMA FESTA IGUAL A ESTA,

JÁ ANTAS NÃO VOLTA A VER!

JÁ ANTAS NÃO TORNA A VER,

UMA FESTA IGUAL A ESTA!

VIVA O REI, VIVA A RAINHA!

VIVAM TODOS COM PRAZER.

(Adaptação de: «Viva o Rei e a Rainha»²⁷)

²⁷ «Viva o Rei e a Rainha», in Cancioneiro de Serpa.

LENGALENGA

ERA UMA VEZ

UM REI E UM BISPO

ACABOU-SE O CONTO

NÃO SEI MAIS DO QUE ISTO.

ERA UMA VEZ

UM REI E UMA RAINHA

ACABOU-SE A HISTÓRIA

QUE ERA PEQUENINA.

ERA UMA VEZ

UM GATO MALTÊS

FOI-SE EMBORA

NÃO SEI O QUE FEZ.

ADIVINHA

ESTE ANIMAL É FAMOSO

PORQUE SETE VIDAS TEM

QUANDO UM RATO SE APROXIMA

A CAÇÁ-LO SE ENTRETÉM.

(GATO)

DESTRAVA LÍNGUAS

SOLA, SAPATO,

REI, RAINHA

FOI AO MAR

BUSCAR SARDINHA

PARA A MULHER

DO JUÍZ

QUE ESTÁ PRESA

PELO NARIZ

SALTA A PULGA

NA BALANÇA

QUE VAI TER A FRANÇA

OS CAVALOS A CORRER

AS MENINAS A APRENDER

QUAL SERÁ

A MAIS BONITA

QUE SE VAI

ESCONDER?

(Popular)

2.3.6- O DIA EM QUE O MAR DESAPARECEU

Esta obra reforça as preocupações sobre uma educação ecológica e ambiental, alertando-nos para comportamentos menos correctos: neste caso, de uma família de pássaros que, com as suas atitudes, não fazem mais do que contribuir para a poluição e degradação do Planeta. Chegam mesmo a provocar uma grande catástrofe - o desaparecimento do mar e de toda a vida que ele comporta. Salienta-nos as atitudes e valores a ter em conta para preservação do Planeta.

TABELA - 13

HISTÓRIA “O DIA EM QUE O MAR DESAPARECEU”	
COMPETÊNCIAS E SABERES	
FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL	<ul style="list-style-type: none">• Conhecer algumas características do mar• Compreender a importância que a água tem para a natureza e para os seres vivos• Perceber a importância da “união”
ORALIDADE	<ul style="list-style-type: none">• Aprender várias canções sobre a temática (o mar, os peixes, a praia ...)• Conhecer novos vocábulos• Desenvolver a memória verbal
ABORDAGEM À LEITURA E À ESCRITA	<ul style="list-style-type: none">• Perceber como se formam alguns vocábulos (quais as letras que os constituem)• Executar grafismos (mar, peixes, barcos ...)
MATEMÁTICA	<ul style="list-style-type: none">• Compreender a noção de número/quantidade (muitos/poucos)• Ordenar, do mais pequeno para o maior• Resolver labirintos
EXPRESSÃO MOTORA/DRAMÁTICA	<ul style="list-style-type: none">• Dramatizar a história no fantocheiro, com algum material construído na sala
EXPRESSÃO PLÁSTICA	<ul style="list-style-type: none">• Desenhar• Recortar• Colar• Fazer dobragens (peixes, barcos)• Traçar percursos• Construir um barco à vela, com casca de noz• Construir fantoches
CONHECIMENTO DO MUNDO	<ul style="list-style-type: none">• Perceber as diferenças atmosféricas• Falar das férias, da praia• Conhecer diferentes tipos de paisagens, a praia, o campo• Conhecer as estações do ano: Verão (a paisagem, os frutos, o vestuário ...)• Tomar conhecimento da alimentação, das várias espécies• Conhecer várias classes de peixes• Conhecer habitats naturais

QUESTIONÁRIO SOBRE A HISTÓRIA:

- Como era o Mar, no início da história?

R: Era grande, limpo e cheio de vida.

- Quem foi que poluiu a praia e o mar?

R: Foi a família dos pássaros Bisnaus.

- O que fizeram eles?

R: Para além de deitarem muito lixo, na praia e no mar, também fizeram muito barulho.

- O que aconteceu aos seres vivos que viviam no mar?

R: Foram todos embora para outros mares, ou então morreram.

- Porque é que o mar desapareceu?

R: Porque ficou sujo, triste e cheio de lixo.

- Para onde foi a água do mar?

R: Evaporou-se e foi para as nuvens.

- No final da História, como reapareceu o mar?

R: Choveu muito e formou-se o mar.

- E os animais e as plantas regressaram ou não?

R: Sim. Comunicaram-se uns com os outros e regressaram todos, porque neste mar já não havia poluição.

Na sequência deste questionário, desenvolveu-se uma grande conversa sobre quem tem por hábito ir passar férias à praia, onde e acompanhados por quem. Fizemos também referência aos locais onde devemos colocar o lixo. Questionámos se têm por hábito proceder à reciclagem dos diversos resíduos, fazendo a sua separação correcta para os ecopontos indicados. Algumas das crianças referiram serem elas as sensibilizadoras para estas questões da reciclagem e da defesa do ambiente, no seio familiar.

Como complemento desta sensibilização para a preservação e limpeza do meio ambiente, fomos para o terreno e fizemos um levantamento acerca das lixeiras existentes nas redondezas e contactámos o Sr. Presidente da Junta de Freguesia de Antas, que procedeu, de imediato, à remoção de alguns focos de lixo que ainda existiam em alguns pontos da aldeia, nomeadamente junto ao cemitério local.

Nas proximidades do Jardim de Infância, visitámos uma pedreira que se encontra inactiva, na qual existe uma pequena lagoa onde podemos observar algumas espécies de peixes e plantas aquáticas. E para o aproveitamento da água que aí nasce, está a ser construído um reservatório, de água, que será utilizada pelos bombeiros na época dos incêndios.

SINOPSE DA OBRA:

TÍTULO: “O DIA EM QUE O MAR DESAPARECEU”

ANOS DE ESCOLARIDADE: 1º, 2º, 3º e 4º anos.

Livro recomendado para o apoio a projectos relacionados com a Natureza / Defesa do Ambiente.

O DIA EM QUE O MAR DESAPARECEU

Este livro fala-nos de uma história com preocupações de Educação Ecológica e Ambiental, que conta com o mau comportamento de uma horrorosa família de pássaros bisnaus que sujam a praia e o mar e fazem com que o mar fique triste e desapareça. Como é óbvio, no final, o mar salva-se da poluição e volta a ser o maravilhoso mar que todos conhecemos.

CANÇÃO

“O BARQUINHO”²⁸

**UM BARQUINHO
LIGEIRO ANDAVA NO MAR.
PASSOU A NUVEM,
A ONDA AGITOU-SE,
O VENTO SOPROU,
MAS O BARCO NÃO VIROU.**

CANÇÃO

“ARANHINHA”²⁹

**ERA UMA ARANHINHA
MUITO PEQUENINA
SOBE, SOBE, SOBE
COM A CHUVA, CAI AO CHÃO
DEPOIS VEM O SOL
TUDO BRILHOU, BEM VÊS
E A NOSSA ARANHINHA
LÁ SUBIU OUTRA VEZ.**

²⁸ “Aprender Letras com música”, Clube do Pautas. p: 56

²⁹ INTERNET.

LENGALENGA

“PELO MAR ABAIXO”³⁰

PELO MAR ABAIXO

VAI UMA FORMIGA

COM UMA MÃO NA TESTA

OUTRA NA BARRIGA.

CANÇÃO

“PEIXINHO”

UM PEIXINHO VAI NADANDO

VAI NADANDO, DE MANSINHO

ELE SOBE E DÁ UMA VOLTA

E CONTINUA O SEU CAMINHO.

DOIS PEIXINHOS VÃO NADANDO

VÃO NADANDO, DE MANSINHO

ELES SOBEM, DÃO UMA VOLTA

E CONTINUAM O SEU CAMINHO.

(...)

No prosseguimento do nosso estudo, elaborámos uma grelha comparativa para as duas histórias que trabalhámos em simultâneo. As mesmas irão ser analisadas, através de gráficos, para clarearmos resultados e para tirarmos as nossas conclusões finais.

³⁰ (INTERNET) www.bandoprofessor.com

GRELHA COMPARATIVA DAS HISTÓRIAS (1)

TABELA - 14

AMOSTRA	HISTÓRIAS	
NOMES DAS CRIANÇAS	O GATO DAS BOTAS	O DIA EM QUE A MATA ARDEU
	GOSTEI MAIS (+) OU GOSTEI MENOS (-)	
Beatriz Ribeiro	+	-
Catarina	+	-
Teresa	+	-
Juliana	+	-
Beatriz Gouveia	-	+
Matilde	+	-
Liliana	+	-
Tânia	+	-
André	+	-
Beatriz Andrade	+	-
TOTAIS	9 (+) e 1 (-)	9 (-) e 1 (+)

GRELHA COMPARATIVA DAS HISTÓRIAS (2)

TABELA - 15

AMOSTRA	HISTÓRIAS	
NOMES DAS CRIANÇAS	A RAPOSA E A CEGONHA	O MENINO GORDO
	GOSTEI MAIS (+) OU GOSTEI MENOS (-)	
Beatriz Ribeiro	+	-
Catarina	+	-
Teresa	+	-
Juliana	+	-
Beatriz Gouveia	+	-
Matilde	-	+
Liliana	+	-
Tânia	+	-
André	+	-
Beatriz Andrade	+	-
TOTAIS	9 (+) e 1 (-)	9 (-) e 1 (+)

GRELHA COMPARATIVA DAS HISTÓRIAS (3)

TABELA - 16

AMOSTRA	HISTÓRIAS	
NOMES DAS CRIANÇAS	O DIA EM QUE O MAR DESAPARECEU	A GATA BORRALHEIRA
	GOSTEI MAIS (+) OU GOSTEI MENOS (-)	
Beatriz Ribeiro	-	+
Catarina	-	+
Teresa	-	+
Juliana	-	+
Beatriz Gouveia	-	+
Matilde	-	+
Liliana	-	+
Tânia	-	+
André	-	+
Beatriz Andrade	-	+
TOTAIS	10 (-)	10 (+)

GRÁFICO - 1

GRÁFICO COMPARATIVO DE PREFERÊNCIAS: “O Gato das Botas” e “O Dia em que a Mata Ardeu “

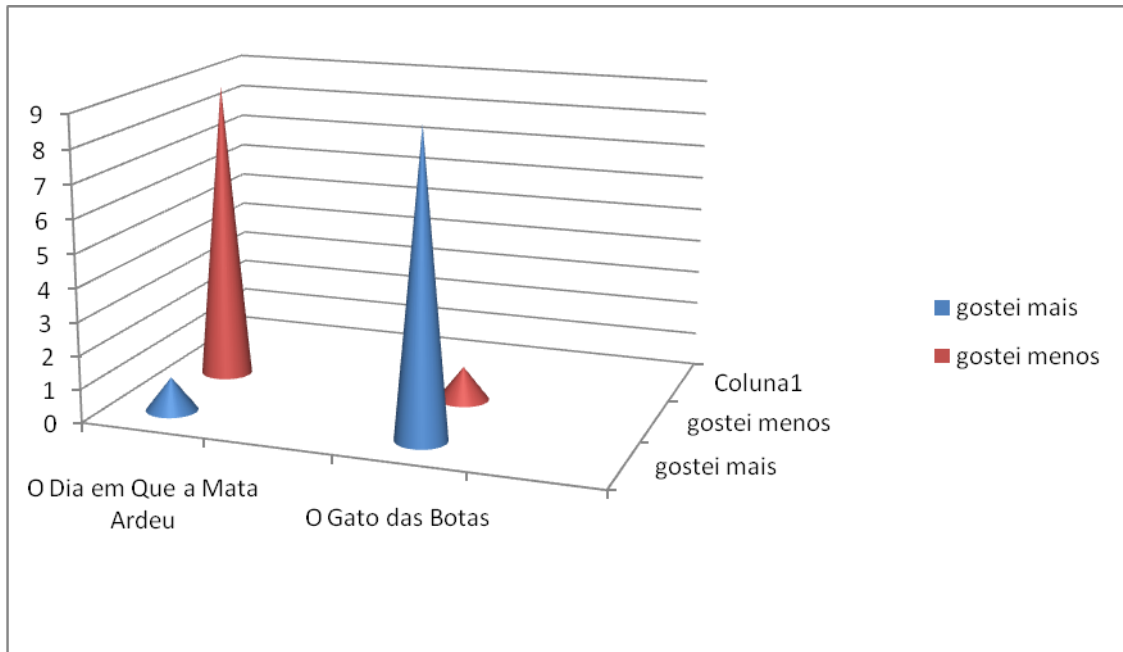


GRÁFICO - 2

GRÁFICO COMPARATIVO DE PREFERÊNCIAS: “A Raposa e a Cegonha” e “O Menino Gordo”

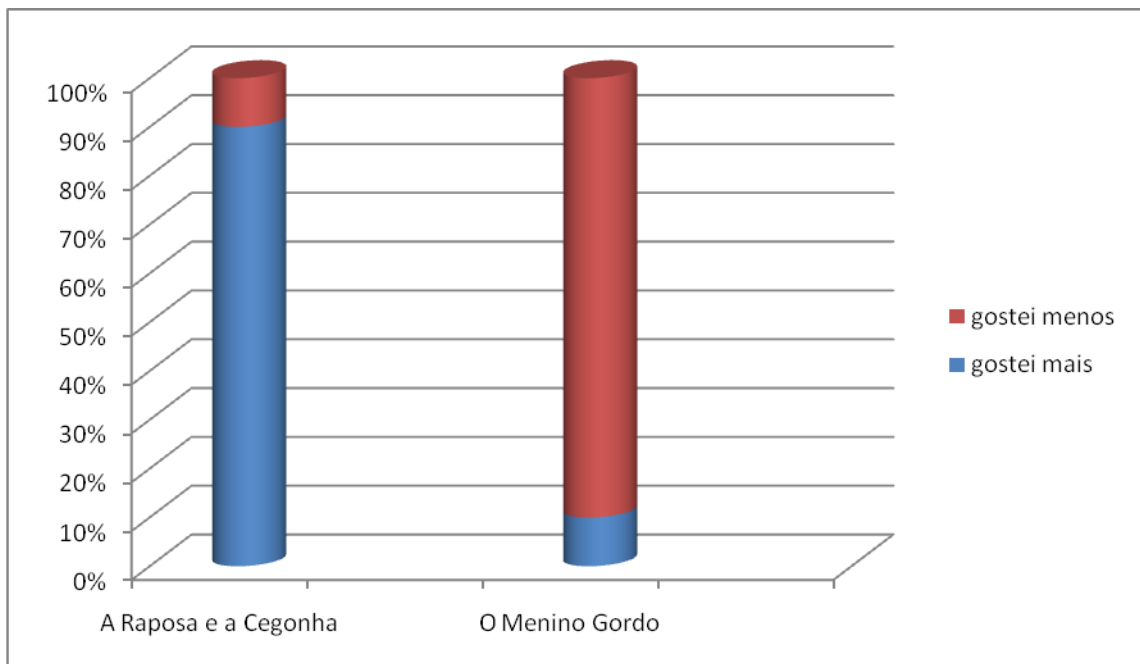
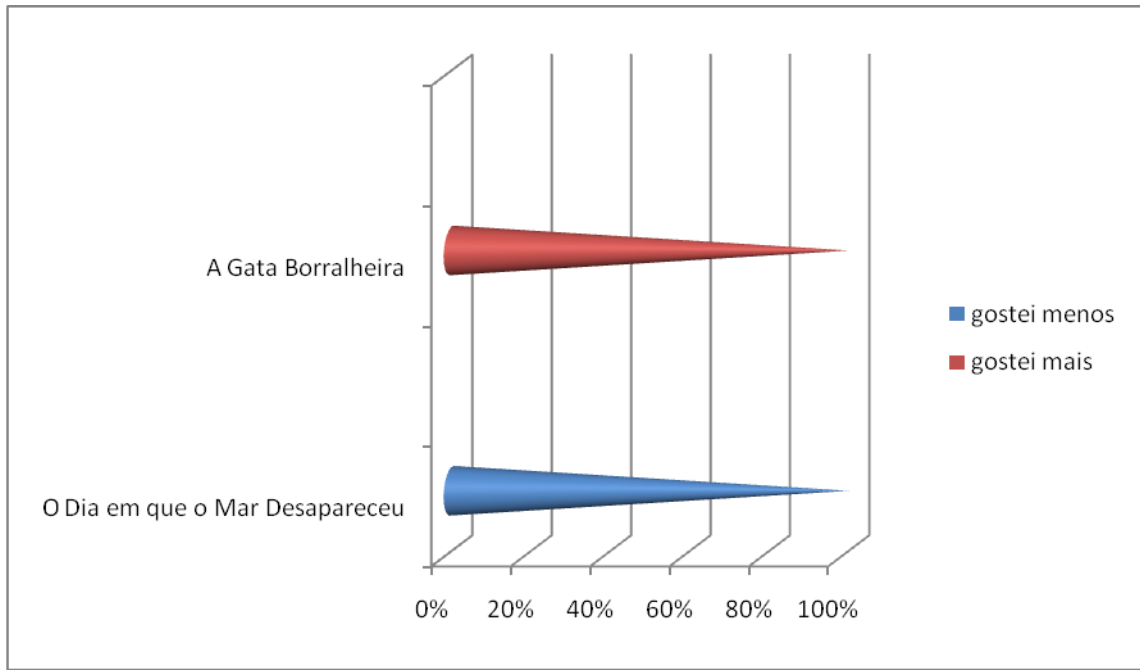


GRÁFICO - 3

GRÁFICO COMPARATIVO DE PREFERÊNCIAS: “O Dia em que o Mar Desapareceu” e “A Gata Borracheira”



- Através deste gráfico verificamos que todas as crianças atribuíram a sua preferência à História/Conto “A Gata Borracheira”

1. - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do trabalho realizado, concluímos que a Literatura Infantil é capaz de interagir com a vida da criança, beneficiando-a por meio da catarse que ocorre no acto “do contar”, através da leitura da história. Isto dá possibilidade à criança de se colocar no lugar da personagem e, a partir da história / conto, descobrir possibilidades para a resolução dos seus conflitos existenciais. Tal será possível quando o educador conseguir ouvir-se verdadeiramente e, a partir desta audição, redimensionar as suas atitudes, tendo presentes os problemas ou os interesses que vai descobrindo no grupo com o qual desenvolve a sua actividade.

Ao definir a literatura como meio para interagir com as crianças, o educador deve ter o cuidado com a selecção e utilizar bem essa Literatura Infantil, para que seja capaz de provocar transformações e de proporcionar à criança momentos de reflexão sobre a sua vida, embora de forma inconsciente. Deve ter sempre o cuidado de não a tornar apenas pedagógica. As histórias devem permitir reflexões sobre temas presentes no grupo, levando as crianças a utilizá-las para melhor compreenderem o mundo que as cerca e sentirem-se bem integradas nele. Porém, não devem ser directas, mas sim mágicas e cheias de fantasia.

Para a escolha de boas obras, o educador deverá utilizar critérios que o levarão a ter um bom discernimento, que o direccionarão para o sucesso ou para o fracasso da sua experiência. Além disso, deverá compreender a função e o valor da arte literária na formação da infância e perceber a importância em apresentá-la à criança de uma forma criativa.

De acordo com alguns autores, tais como Abramovich (1995), Azevedo (2007) e outros, foi salientado que a Literatura Infantil, ou seja, os livros de Literatura Infantil (aqueles que se destinam à infância) podem ser ferramentas valiosas para o Educador, auxiliando-o na sua prática docente, contribuindo para a formação do gosto da criança pela leitura, no desenvolvimento da imaginação e da criatividade.

As vivências ocorridas a partir das histórias e os momentos de diálogo sobre as mesmas tornam-se fundamentais para que as crianças tenham a possibilidade de expressar os seus sentimentos, as suas emoções. E foi a partir delas (histórias) que se procedeu à exploração dos vários temas e atitudes como: diferenças, medos, sonhos, animais, alimentação, Natureza ..., fazendo-o de uma forma lúdica, despertando assim a curiosidade e o interesse das crianças ao longo de todo o nosso trabalho.

Deste modo, no capítulo I, procedemos à apresentação do tema a partir do qual fizemos a nossa pesquisa. A seguir, no capítulo II, o presente estudo desenvolveu-se acerca das mudanças da forma, em narrativas da literatura destinada ao público infantil, fazendo uso do aporte teórico com um breve resumo histórico de Literatura Infantil, enfatizando os aspectos da sua definição, origem, conceito e finalidade da mesma, dando enfoque à importância do ouvir histórias e realçando o seu valor para a formação das crianças do pré-escolar.

Desenvolver o interesse e o hábito de ouvir histórias é um processo que deve começar desde muito cedo, não só em casa, como no Jardim de Infância e continuando pela vida fora. A criança que ouve histórias desde cedo, que tem contacto directo com livros e que é estimulada, terá um desenvolvimento mais favorável no seu vocabulário.

É importante que os professores leiam ou contem diariamente uma história, de modo agradável para a criança, sem a forçar e com naturalidade. Deste modo, desenvolver-se-á na criança um hábito que poderá acompanhá-la pela vida fora.

Importa que o Educador, ao pensar em vários contos, fábulas e histórias para crianças, saiba antes de tudo fazer boas escolhas, tendo sempre presente, quer a idade cronológica das crianças, quer o estado de desenvolvimento das mesmas.

Verificámos que as obras literárias até ao século XIX tinham apenas carácter moral e didáctico, mas, logo após, os escritores de Literatura Infantil começaram a esforçar-se para despertar o interesse da criança pelos contos, e a moral ficou em segundo plano. Para cativar o interesse das crianças, os autores utilizaram uma nova fórmula que introduzia nos contos infantis o elemento encantado, o fantástico, o maravilhoso, o faz de conta. Esta mudança deveu-se a um movimento literário emergente na época, o **Romantismo**, que teve como

principal característica o predomínio do sentimento sobre a razão. Portanto, a mudança de pensamento sobre a concepção de infância influenciou o emergir da Literatura Infantil e continuou a influenciar na contemporaneidade os autores deste segmento.

Considerando a importância de contar histórias para o bom desenvolvimento da criança, são vários os autores que, ao longo dos tempos, advogam e promovem os efeitos positivos do ler e contar histórias para crianças. Evidenciam ser um bom caminho para ensinar as crianças a pensar de forma realista, e sublinham que as histórias podem indicar à criança a resolução para os seus dilemas pessoais, e acima de tudo desenvolver a sua imaginação, emoções e sentimentos, de forma harmoniosa e significativa.

Esta nossa pesquisa pretende focar toda a importância que a Literatura Infantil possui, ou seja, que é fundamental para a aquisição de conhecimentos, criatividade, informação e interacção, necessários ao desenvolvimento da mente infantil. Acima de tudo, é fundamental e necessária a aplicação coerente de actividades que despertem a criança para o prazer em ouvir histórias, devendo estas estarem presentes diariamente na vida das crianças.

Silva refere:

... bons livros poderão ser presentes e grandes fontes de prazer e conhecimento. Descobrir esses sentimentos desde bebezinhos, poderá ser uma excelente conquista para toda a vida. (Silva, 1992: 57)

Ao fazermos a nossa selecção, não tivemos tarefa fácil, uma vez existir uma grande panóplia de obras, quer clássicas quer contemporâneas, que pudessem satisfazer os nossos intentos.

É interessante notar como, hoje, as narrativas populares, que não foram criadas especificamente para crianças, são directamente associadas ao universo infantil. Essas narrativas populares, que foram reunidas e passaram por um processo de simplificação e exclusão de conteúdos considerados menos apropriados para crianças, uniram-se à força material do livro ilustrado, acabando por consolidar um modelo editorial de grande sucesso comercial.

O processo de adaptação que consolidou a Literatura Infantil permanece presente, de alguma forma, em algumas produções actuais.

O livro infantil contemporâneo é dotado de uma certa liberdade na disposição dos seus elementos tipográficos em conjunto com a imagem, de maneira que a disposição gráfica pode, dentre as suas múltiplas leituras, ser apreendida num mesmo enunciado.

O leitor do livro infantil contemporâneo não deverá, apenas, ser capaz de “ler” textos e imagens separadamente, mas a sua interacção.

Nesta época mais contemporânea, mercê, também, dos avanços tecnológicos e sociais sem precedentes, da democratização do ensino, do alargamento da escolaridade, bem como da sua obrigatoriedade, passamos a assistir a outras necessidades, no que respeita ao contacto com tipologias textuais diversas, apresentadas em suportes diversificados. É uma época de grande criatividade, em que têm surgido novas obras infantis progressivamente inovadoras, imaginativas e convenientemente ajustadas ao mundo que nos rodeia, sendo aplicadas ao contexto da vida actual, às expectativas e interesses de cada criança.

Estas obras não representam, de alguma forma, um tipo menor de literatura. É muito característica da época actual.

Neste mundo, tão cheio de tecnologias, em que vivemos, há muitos que pensam que o livro é coisa do passado, que nesta época não tem muito sentido pegar num livro e ler ou contar o seu conteúdo.

Só quem reconhece a importância da Literatura Infantil, na vida de uma criança, é que sabe o poder que pode ter uma história bem contada, quais os benefícios que uma simples história pode proporcionar, e com certeza dirá que não existe tecnologia no mundo que substitua o prazer de tocar ou observar as páginas de um livro e encontrar nelas um mundo cheio de encanto.

E se o Educador acreditar que a história do livro, para além de informar, instrui e ensina, e que o livro poderá dar prazer, fará tudo o que estiver ao seu alcance para o demonstrar à criança através dos meios que achar mais adequados, mais estimulantes e que proporcionem momentos de magia e encantamento.

Obviamente os contos de fadas não são as únicas histórias que podem ser lidas ou contadas às crianças. Mas são mais facilmente apreensíveis graças à sua estrutura e aos seus

temas, à utilização de fórmulas de repetição. A sua linguagem metafórica permite à criança projectar-se em diferentes personagens e situações.

Bettelheim faz a seguinte referência:

O Conto de Fadas fornece sempre elementos de resposta, que podem variar conforme as culturas e as formas de organização social, mas ensina sempre que certos perigos, problemas e situações podem ser ultrapassados se forem encarados com perseverança. (Bettelheim, B., 1976)

No fundo, a origem do nosso estudo está ligada à nossa vida profissional. O nosso percurso docente tem sido um exercício constante de experimentação pedagógica, em que o maior objectivo esteve sempre eminente na procura de um melhor conhecimento das obras literárias mais adequadas para as nossas crianças.

Ao aprofundarmos os nossos conhecimentos, reflectimos sobre o valor das histórias infantis na formação da personalidade das crianças. Analisámos e trabalhamos estas histórias, anotando os aspectos significativos e que mais impacto tiveram no nosso grupo. Verificámos que as nossas crianças, para além de gostarem muito de histórias, foram mais sensíveis às histórias clássicas, fazendo com muita frequência alusão ao elemento mágico.

Sendo hoje a Literatura Infantil uma área de estudos literários de grande interesse, acreditamos que o estudo a que nos propusemos poderá ser um contributo significativo e abrir perspectivas para futuras investigações.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAMOVICH, F., *Literatura Infantil*, São Paulo: Scipione, 1993.
- ABRAMOVICH, F., *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*, São Paulo, Scipione, 1997.
- AMARILHA, M., *Estão mortas as fadas?*, Petropolis: Rio de Janeiro: vozes, 1997.
- AZEVEDO, F., *Literatura Infantil e Leitores*, IEC, Universidade do Minho, 2006.
- AZEVEDO, F., (coord), *Formar Leitores. Das Teorias às Práticas*, Lisboa, Lidel, 2007.
- BARRETO, António Garcia, *In Dicionário de Literatura Infantil Portuguesa*, Porto, Campo de Letras, Editores, S. A., 2002.
- BETTELHEIM, Bruno, *Les Contes de Perrault*, Paris, Editions Seghers, 1978.
- BETTELHEIM, B., *A Psicanálise dos Contos de Fadas*, Lisboa, Editora Bertrand, 2006.
- BETTELHEIM, B., *Psicanálise dos Contos de Fadas*, Lisboa, Bertrand Editora, 2008.
- BROUGÈRE, Gilles, *Brinquedos e Cultura*. São Paulo, Ed. Cortez, 1994.
- COELHO, B., *Contar História: uma arte sem idade*, São Paulo, Ed. Ática, 1991.
- COELHO, N. N., *A Literatura Infantil: História, Teoria, Análise*, São Paulo, Editora Global, 1982.
- COELHO, Nelly Novaes, *O Conto de Fadas*, São Paulo, Ática, 1991.
- COELHO, Nelly Novaes, *Literatura Infantil: teoria, análise, didáctica*, São Paulo, Ática, 1997.
- COELHO, N., *Literatura: arte, conhecimento e vida*, São Paulo: Peirópolis, 2000.
- COSTA, Soledade Martinho, *Inquérito ao Livro Infantil*, Mira-Sintra Mem Martins, Fotolitos, 1980.
- CUNHA, Maria Antonieta, *A Literatura Infantil Teoria e Prática*, São Paulo: Ática, 1993.
- DOURNAUD, Jacques, *Sensibilizar as crianças à Natureza*, Paris, Editions Fleurus e Família 2000, 1977.
- ESCARPIT, Denise, *La Literatura Infantil y Juvenil em Europa*, Trad. Diana Flores, México, Fondo de Cultura Económica, 1981.
- FANHA, José, *O dia em que a mata ardeu*, Vila Nova de Gaia, Gailivro, 2007.
- FANHA, José, *O dia em que o mar desapareceu*, Vila Nova de Gaia, Gailivro, 2010.
- GOMES, José António, *Do Dragão ao Pai Natal - Olhares sobre a Literatura para a Infância*, Porto, Campo de Letras - Editores, S. A., 1999.
- GOTLIB, Nádia B., *Teoria do Conto*, São Paulo. Editora Ática, 2003.

- HELD, Jaqueline, *O Imaginário no Poder: as crianças e a literatura fantástica*, São Paulo, Ed. Summus, 1980.
- JOLLES, A., *Formas Simples*. Trad. Álvaro Cabral, S. Paulo, Cultrix, 1976.
- JOBIM E SOUSA, Solange, *Infância e Linguagem*, Bakhtin, Vygotsky e Benjamin, Campinas, Sp: Papirus, 1994.
- LAPLATINE, François, TRINDADE, Liana, *O que é o imaginário?* Col. Primeiros Passos, São Paulo, Editora Brasiliense, 1996.
- LEMONS, Esther, *Contos Maravilhosos*, Fábulas de La Fontaine, Lisboa/São Paulo, Verbo, 1995.
- LI-MAV: LEXICOTECA, Moderna Enciclopédia Universal - Círculo de Leitores, Vol. 12, 1986.
- LIVRO DE NARRATIVAS INFANTIS - Lisboa, Ed. Globo, 1942.
- MESQUITA, Armindo (coord), *Pedagogias do Imaginário - Olhares Sobre a Literatura Infantil*, Porto, Edições ASA, 2002.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, Lisboa: Ministério da Educação / Departamento de Educação Básica / Núcleo de Ed. Pré-Escolar, 1997.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, *Orientações Curriculares para a Educação de Infância*, Lisboa: Ministério da Educação / Departamento de Educação Básica / Gabinete para a Expansão e Desenvolvimento da Educação Pré-Escolar, 1997.
- MONTEIRO, Teresa J. F., *O Conto - Teorização e Pedagogia*, Guarda, 2000.
- MOTA, António, *O Livro das Lengalengas 1*, Vila Nova de Gaia, Gailivro, 2007.
- MOUTINHO, José Viale, *O Menino Gordo*, Vila Nova de Gaia, Gailivro, 2003.
- NASCIMENTO, Cabral, *Fábulas La Fontaine*, Lisboa, Editorial Minerva, s.d.
- PIRES, Carla Rodrigues, *Adivinhas*, Rio de Mouro, Montanha Encantada, Evereste Editora, 2001.
- PROPP, Vladimir Iakovlevich, *Morfologia do Conto Maravilhoso*, Rio de Janeiro: Forense - Universitária, 1984.
- PROPP, Vladimir, *Morfologia do Conto*, Alpiarça, Vega, 2000.
- REIS, Carlos e Vivina de Campos Figueiredo, *O Conhecimento da Literatura - Introdução aos Estudos Literários*, Lisboa, Universidade Aberta, 1995.
- REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M., *Dicionário de Narratologia*, Coimbra, Livraria Almedina, 2000.
- RENÉE, Wellek, *Teoria da Literatura*,
- ROCHA, Natércia, *Breve História da Literatura para Crianças em Portugal*, Lisboa, ICALP. Biblioteca Breve, 1984.
- RUFINO, C., GOMES, W., *A importância da literatura infantil para o desenvolvimento da criança na fase da pré-escola*. São José dos Campos: Univap. 1999.

SÁ, D. Guimarães, *A Literatura Infantil em Portugal - Achegas para a sua História*. Braga Edição Editorial Franciscana, 1981.

JESUS, Carlos José M. D. de, *Os Mais Belos Contos de Perrault*, Minho, Editora do Minho, S.A., para o Círculo de Leitores, 1993.

SILVA, Fabiana S. da Silva; VILAR, SOCORRO, *A Fantasia dos Contos de Fadas no Cotidiano da Sala de Aula*, Paraíba, Centro de Educação da UFPB. 2002.

SILVA, Vitor de Aguiar, *Nótula sobre o Conceito de Literatura Infantil* - In: Domingos Guimarães de Sá, *A Literatura Infantil em Portugal*, Braga, Editorial Franciscana, 1981.

SILVA, Vitor de Aguiar, *Teoria da Literatura*, Coimbra, Livraria Almedina, 1982.

SILVA, Vitor de Aguiar, *Teoria da Literatura*, Coimbra, Livraria Almedina, 1994.

SILVEIRA, R., “*Ela ensina com amor e carinho, mas toda enfezada, danada da vida*”, in: *Cultura, média e educação: Educação e Realidade*, Rio Grande do Sul, 1997.

SIM-SIM, Inês; RAMOS, C. & SANTOS, M. M., *O Desenvolvimento da Consciência Fonológica e a Aprendizagem da Decifração*, In I. Sim-Sim - (ed), *Ler e ensinar a ler*, Porto: Edições ASA, 2006.

SIM-SIM, Inês, *Formar leitores: A Inversão do Círculo*, In F. L. Viana, M. Martins & E. Coquet (eds), *Leitura, literatura Infantil e ilustração*, Braga: Universidade do Minho, 2002.

SOARES, Luisa Ducla, *Lenga Lengas*, Lisboa, Livros Horizonte, 2001.

SOARES, Luísa Ducla, *adivinha, adivinha*, Lisboa, Livros Horizonte, 2001.

SOARES, Luísa Ducla, *Destrava Línguas*, Lisboa, Livros Horizonte, 1997.

TRAÇA, M^a Emília, *O Fio da Memória. Do Conto popular ao conto para crianças.*, Porto, Porto Editora, 1992.

VELOSO, Rui Marques, *A Obra de Aquilino Ribeiro para Crianças*, Porto, Porto Editora, 1994.

VILLASANTE, Carmen Bravo, *História da Literatura Infantil Universal*, Lisboa, Editorial Vega, 1977.

VINHA, T. P., *O Educador e a moralidade infantil: uma visão construtivista*, Campinas: Mercado de Letras, 2000.

SITES DA INTERNET

<http://www.graudez.com.br/litinf/autores/perrault/perrault.htm> (consultado em 03/10/2010).

<http://www.graudez.com.br/litinf/autores/perrault/obras.htm> (consultado em 03/10/2010).

<http://www.graudez.com.br/litinf/textos.htm> (consultado em 03/10/2010).

http://www.graudez.com.br/litinf/trabalhos/anmachado_1.htm (consultado em 03/10/2010).

<http://www.graudez.com.br/litinf/origens.htm> (Consultado em 03/10/2010).

<http://www.graudez.com.br/litinf/marav.htm> (consultado em 15/11/2010).

<http://education.stafeuniversity.com/pages/829/children-s-literatura.html>. (consultado em 15/11/2010).

www.dicadasemana.com -Artigo sobre a Sociedade - Dica da semana (21 de Janeiro de 2010) “*A Importância das histórias de Encantar na formação das crianças*”. (consultado a 18/12/2010)

<http://meuartigo.brasilecola.com/imprimir/10275> “*A Importância da literatura Infantil para o desenvolvimento da Criança*”, p. 2 a 6 (consultado a 27/01/2011).

CRISTIANE MADANÊLO DE OLIVEIRA. “*A Importância do Maravilhoso na Literatura Infantil*” [online] Disponível na Internet via [URL:http://www.graudez.com.br/litinf/marav.htm](http://www.graudez.com.br/litinf/marav.htm). (consultado em 27/01/2011).

<http://litinfjuv.wordpress.com/2010/03/29/artigo-linguagem-e-infancia-a-literatura-inf...> (consultado em 06/02/2011).

www.criançasdeumnovomundo.com (consultado em 10/02/2011).

<http://www.sitedeliteratura.com/noticias/2003/vitm.htm> (consultado em 13/04/2011).

www.novomundopalavras.blogspot.com (consultado a 08/05/2011).

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Lista Nominal das Crianças _____	52
Tabela 2 - Idade das Crianças por género _____	53
Tabela 3 - Distribuição do Grupo por anos de frequência _____	53
Tabela 4 - Nº de Irmãos por Criança _____	53
Tabela 5 - Habilitações literárias dos pais _____	54
Tabela 6 - Profissão dos pais _____	54
Tabela 7 - Obras Seleccionadas _____	61
Tabela 8 - História “O Gato das Botas” _____	67
Tabela 9 - História “O dia em que a Mata ardeu” _____	75
Tabela 10 - Fábula “A Raposa e a Cegonha” _____	82
Tabela 11 - História “O Menino Gordo” _____	87
Tabela 12 - História “A Gata Borracheira” _____	93
Tabela 13 - História “O dia em que o Mar desapareceu” _____	99
Tabela 14 - Grelha comparativa das Histórias (1) _____	104
Tabela 15 - Grelha comparativa das Histórias (2) _____	105
Tabela 16 - Grelha comparativa das Histórias (3) _____	106

ÍNDICE DOS GRÁFICOS

- Gráfico 1** - Gráfico Comparativo de Preferências: *“O Gato das Botas”* e *“O dia em que a Mata ardeu”* ----- 107
- Gráfico 2** - Gráfico Comparativo de Preferências: *“A Raposa e a Cegonha”* e *“O Menino Gordo”* ----- 107
- Gráfico 3** - Gráfico Comparativo de Preferências: *“O Dia em que o Mar desapareceu”* e *“A Gata Borracheira”* ----- 108